Fundado em 1864, o seu Arquivo é Tesouro Nacional

Diário de Notícias

www.dn.pt / Segunda-feira 5.8.2024 / Diário / Ano 160.º / N.º 56 718 / € 1,50 / Direção interina **Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos)**

ABSENTISMO NO SNS

MAIS DE 9,2 MILHÕES DE DIAS PERDIDOS ATÉ JUNHO, QUASE METADE POR DOENÇA

REALIDADE Numa altura em que o país continua a ter Serviços de Urgência a encerrar por falta de recursos humanos, em que alguns funcionam com equipas mínimas, em que várias classes profissionais clamam exaustão, o presidente da Sociedade Portuguesa de Medicina do Trabalho diz que os números do absentismo "são importantíssimos" e "os gestores devem tirar conclusões". PÁGS. 10-11



ENTREVISTA A ANTÓNIO TELO E JOÃO VIEIRA BORGES

"Duvido que se Putin soubesse que a guerra ia correr como correu, a tivesse começado sequer"

PÁGS. 3-5

Historiador e general escreveram livro sobre a guerra na Ucrânia.

REINALDO RODRIGUES / GLOBAL IMAGENS

Orçamento
Finanças cortam a fundo no défice do Estado previsto para este ano

PÁG. 17

Paris2024
Djokovic reforça lenda nos JO e Noah Lyles vence o Ouro nos 100 metros

PÁG. 23

QUESTIONÁRIO DE PROUST DO CHATGPT
MANUEL ANDRADE
ESCRITOR E EDITOR
"Se pudesse inventava um 'queselixómetro' – por vezes dava um jeito do caraças!"

PÁG. 16

Cinema
Nova temporada: Clooney, Pitt, gladiadores e um *Joker*...

PÁGS. 26-27

Especial trabalhar

DN Brasil

HOJE **GRÁTIS**

LEIS ELEITORAIS
PSD e PS travam "mudanças" e prolongam "desigualdades"

PÁGS. 6-7

DENNIS REDMONT
JORNALISTA AMERICANO
"Eu dizia que nem Biden, nem Trump iam chegar à meta. E ainda é possível"

PÁGS. 18-20



PAULO SPRANGER / GLOBAL IMAGENS



Até ver...

Leonídio Paulo Ferreira
Diretor adjunto do Diário de Notícias

A *selfie* olímpica que prova absurdo da divisão coreana

Quando vi a fotografia dos medalhados da competição de pares mistos de ténis de mesa a tirarem sorridentes uma *selfie* não pude deixar de pensar no absurdo que é a divisão da Península Coreana. A segurar o telemóvel estava um dos atletas sul-coreanos, e a posar com ele estava a sua parceira, a dupla norte-coreana e ainda os chineses, que foram quem ganhou o Ouro. No pódio olímpico, os sul-coreanos ficaram com o Bronze e os norte-coreanos com a Prata, mas a imagem da *selfie* tirada por Lim Jong-hoon em Paris, com um telemóvel Samsung, mostra em todos a alegria partilhada, ultrapassados já os momentos tensos da competição.

Visitei três vezes a Coreia do Sul, mas nunca a Coreia do Norte, a não ser que contem os metros dentro dos famosos pavilhões azuis de Panmunjon, onde foi assinado o Armistício de 1953 e que, há poucos anos, até foram visitados por Donald Trump, quando era presidente dos Estados Unidos e tentava convencer Kim Jong-un a abandonar a retórica belicista.

Na época, o presidente sul-coreano era Moon Jae-in, filho de refugiados do Norte que durante a Guerra de 1950-1953 se refugiaram em Busan, no sul da península.

Em duas dessas visitas à Coreia, conversei com um jornalista indonésio que visitava com frequência tanto Seul como Pyongyang e dizia que não tinha dúvidas nenhumas de que era o mesmo povo a sul e a norte do Paralelo 38. Apesar de décadas e décadas de separação, e de ideologias bem distintas a marcar a evolução das sociedades, mais de dois mil anos de história comum forjam laços difíceis de romper. E a verdade é que das muitas vezes que conversei com sul-coreanos, nunca ouvi palavras de hostilidade para com os irmãos do norte. As críticas sempre foram dirigidas contra o regime comunista fundado com apoio soviético no final da Segunda Guerra Mundial, e mais tarde apoiado também pela China. Um regime comunista que se transformou numa ditadura ultranacionalista, liderada por gerações da mesma família. O Kim que hoje manda é neto do Kim Il-sung que se destacou no combate aos japoneses, impôs o sistema de partido único na metade da península que lhe foi entregue por Moscovo e tentou, em 1950, uma reunificação pela força que falhou, porque os Estados Unidos vieram em socorro do Sul.

Admito que foram poucas as vezes que conversei com norte-coreanos, e mesmo assim é difícil tirar muitas conclusões do que dizem, até do diplomata que me visitou no DN em 1993, quando Lisboa era uma das raras capitais europeias a ter embaixadas das duas Coreias. Mas ainda antes de ir pela primeira vez à Coreia do Sul testemunhei, há mais de uma década, num congresso internacional de jornalistas, em Moscovo, uma conversa amistosa entre as duas delegações coreanas, com os presidentes das agências noticiosas, a Yonhap e a KCNA, a apertarem a mão todos sorridentes (ainda tenho a fotografia no meu telemóvel).

A Coreia do Sul é um país de sucesso como há poucos. A sua economia é das mais dinâmicas do mundo, graças a gigantes como a LG, a Hyundai e, claro, a Samsung. Também a sua cultura, sobretudo na versão *pop*, tem alcance mundial, seja via a música, as séries televisivas e os filmes, ou uma arte marcial como o *taekwondo*, que ainda há semanas teve uma exibição em Lisboa, na Praça do Comércio, por iniciativa da embaixada.

Mas aquilo que sempre me impressionou mais foi a forma como a ditadura militar dos primeiros tempos, apoiada por Washington na lógica da *Guerra Fria*, evoluiu para uma democracia, com as manifestações nas ruas de estudantes, de trabalhadores, de mães de família, a conseguirem um milagre. Foi por si próprios que os sul-coreanos conquistaram a democracia, como foi por si próprio que este país de maioria budista, noutra era, descobriu o cristianismo, hoje tão presente que as cruzes das igrejas competem, no cenário urbano, com os ecrãs publicitários gigantes. E os Jogos Olímpicos de 1988 em Seul, os tais em que a nossa Rosa Mota ganhou o Ouro na maratona, tiveram um papel muito importante nessa transformação democrática digna de aplauso. Só por curiosidade, sublinhe-se que a atleta continua muito acarinhada pelos coreanos, que também sabem que o primeiro europeu a visitar a península foi o português Ji-Wan-Myeon-Je-Su, leia-se João Mendes.

Uma Coreia reunificada parece algo distante de acontecer. Já houve momentos de maior diálogo, inclusive com possibilidade de famílias separadas pela guerra se reencontrarem e, até, equipa desportiva única. Mas, sobretudo, o fosso económico entre as duas Coreias é incomparável com o que existia entre as duas Alemanhas em vésperas da reunificação de 1990. Creio improvável que a dinastia Kim desista do poder e, portanto, qualquer aproximação será sempre mais motivada pela necessidade de recorrer à ajuda do Sul. E sempre de forma muito reticente. Também é evidente que entre os países vizinhos não há qualquer entusiasmo em ver uma Coreia unida, a somar 51 e 26 milhões de habitantes, com as riquezas naturais do Norte a virem em reforço do empreendedorismo do Sul, e com uma centralidade impressionante num Indo-Pacífico que ele próprio está cada vez mais no centro do mundo.

Há mais ou menos 1500 anos a Coreia estava dividida em três reinos, Goguryeo, Baekje e Silla. Acabou por se reunificar sob a égide de Goguryeo, depois Goryeo, que é de onde vem o nome do país na maioria das línguas. Há pouco mais de um século, a Coreia viu a Dinastia Joseon ser derrubada e a península ser transformada numa colónia japonesa (nos Jogos Olímpicos de Berlim, o coreano Sohn Kee-chung ganhou a maratona, mas no pódio fez questão de ocultar a bandeira japonesa na camisola). O país acabou por libertar-se em 1945. Em 1948, aquilo que devia ser uma divisão temporária, oficializou-se com a criação da República da Coreia e da República Democrática Popular da Coreia. Nada, porém, é definitivo e a *selfie* em Paris, de quatro jovens coreanos (e dois chineses) juntos e felizes é inspiradora. Muito mais inspiradora para uma futura reunificação do que a bomba nuclear que os Kim consideram ser o seu seguro de vida.

OS NÚMEROS DO DIA

8246

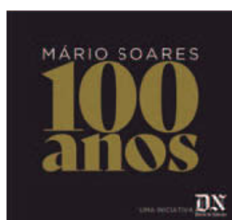
VÍTIMAS
O número de pessoas que segundo a PSP foram vítimas de violência doméstica no 1.º semestre deste ano. Relativamente ao período homólogo, há um aumento de 1,8%.

14

ANOS
O tempo que Hugo Gaspar representou a equipa de voleibol do Benfica, ele que ontem deixou de ser jogador do clube, pelo qual ganhou um total de 29 títulos, contabilizando todas as provas – 9 Campeonatos, 11 Supertaças e sete Taças de Portugal.

2

MORTOS
Uma mulher de 70 anos e um homem de 80 foram mortos num ataque à facada em Israel e dois outros homens ficaram feridos. A polícia israelita informou que o ataque foi perpetrado por um militante palestiniano, que foi "neutralizado".





5.8.2024

Direção interina: Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos) **Diretor de arte** Rui Leitão **Diretor adjunto de arte** Vítor Higgs **Editores executivos** Carlos Ferro, Helena Tecedeiro, Pedro Sequeira **Editor executivo adjunto** Artur Cassiano **Grandes repórteres** Ana Mafalda Inácio, Fernanda Câncio e Leonardo Ralha **Editores** Sofia Fonseca, Carlos Nogueira, Ricardo Simões Ferreira, Rui Frias, Filipe Gil e Nuno Fernandes **Redatores** Amanda Lima, Ana Meireles, César Avó, David Pereira, Isabel Laranjo, Isaura Almeida, Mariana de Melo Gonçalves, Rui Miguel Godinho, Susete Henriques, Susana Salvador e Vítor Moita Cordeiro **Revisão** Adelaide Cabral **Arte** Eva Almeida (coordenadora), Fernando Almeida, João Coelho **Digitalização** Nuno Espada **Dinheiro Vivo** Bruno Contreiras Mateus (Diretor) **Evasões** Pedro Lucas (coordenação) **Notícias Magazine** Inês Cardoso (Diretora) **Conselho de Redação** Ana Meireles, César Avó, Fernanda Câncio e Sofia Fonseca **Secretaria de redação** Carla Lopes (coordenadora) e Susana Rocha Alves **E-mail geral da redação** dnot@dn.pt **E-mail geral da publicidade** dnpub@dn.pt **Contactos** RuaTomás da Fonseca, Torre E, 5.º – 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 515; Rua de Gonçalo Cristóvão, 195, 5.º – 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100; Rua João Machado, 19, 2.ºA – 3000-226 Coimbra. Tel.: Redação: 961 663 378; Publicidade: 969 105 615. Estatuto editorial disponível em www.dn.pt. Tiragem média de Fevereiro 2024: 6 084 exps.



António Telo e João Vieira Borges
"Duvido que se Putin soubesse que a guerra ia correr como correu, a tivesse começado sequer"

GEOPOLÍTICA A capacidade de resistência de Zelensky, os objetivos de Putin, o papel da China e a estratégia americana pós-Presidenciais são alguns dos temas abordados pelo historiador António Telo e o general João Vieira Borges nesta entrevista ao DN, e no livro que acabaram de publicar: *A Guerra Que Aí Vem – A Ucrânia num mundo em mudança* (Tribuna da História).

ENTREVISTA **LEONÍDIO PAULO FERREIRA** FOTOS **REINALDO RODRIGUES / GLOBAL IMAGENS**



O anúncio pela Rússia da conquista de duas cidades, com progressão no Donetsk, altera algo na lógica da guerra na Ucrânia?
António Telo (A.T.) – É mais do mesmo dentro desta fase da guerra. A Rússia está a fazer um esforço para tentar aumentar a pressão sobre a Ucrânia durante este verão e até ao final do ano, eventualmente para tentar uma solução política no fim do ano. Está a apostar, ao contrário do que se poderia esperar, numa guerra de desgaste, numa guerra que é essencialmente de infantaria e artilharia e não a guerra que normalmente associamos à Rússia. Está a fazer avanços lentos em pontos que são significativos e, sobretudo, está a manter uma pressão, mais do que a fazer um avanço. O que lhe interessa é manter uma pressão sobre a Ucrânia em termos, nomeadamente, dos recursos humanos, que são um dos pontos fracos da Ucrânia neste momento. Portanto, este anúncio tem significado, embora a Ucrânia, noutros pontos tenha avançado, e estamos a falar de uma frente de mil quilómetros, onde há concentração em alguns locais e outros que estão desprotegidos. No entanto, no essencial, é a Rússia que mantém a pressão e a está a exercer neste momento.

O apoio do Ocidente tem sido essencial para que a Ucrânia tenha capacidade para resistir aos russos nestes dois anos e meio de guerra. Este apoio tem sido intermitente, compromissos que, por vezes, não são cumpridos, mas há sobretudo a incógnita sobre se a questão da futura liderança dos Estados Unidos pode ou não afetar este conflito. A Ucrânia depende, para a sua resistência, deste apoio do Ocidente?
João Vieira Borges (J.V.B.) – Isso é assumido pelo próprio Volodymyr Zelensky. A Ucrânia depende não só do apoio do Ocidente, mas sobretudo do apoio dos Estados Unidos da América. Independentemente daquilo que foi a evolução da própria União Europeia no apoio à Ucrânia – e houve medidas e ações concretas de que ninguém estava à espera, seja no âmbito político, diplomático, mas sobretudo no apoio militar –, obviamente que continua a ser fundamental para a Ucrânia o apoio dos EUA. O facto de não ter tido esse apoio durante cerca de seis meses tem tido consequências. Estamos a verificar, desde há três ou quatro meses, esses avanços da Rússia no terreno. Apesar de alguns sucessos pontuais, designadamente em Kharkiv, os ucranianos tiveram de fazer reajustamentos, que têm que ver com a falta de armamento e equipamento, designadamente norte-americano e ocidental. É o caso das lacunas na defesa aérea, seja ao nível das aeronaves, seja da antiaérea. Portanto, o atraso de seis meses está a ter consequências neste momento. A Rússia está a aproveitar-se desse facto, não só na conquista no terreno, mas também politicamente, numa altura em que há divisões internas nos EUA, em que novembro é uma data importante muito para Zelensky, mas também importantíssima para Vladimir Putin.

Sobre o papel da China nesta guerra: no início falava-se muito como possível mediador, hoje percebe-se que é um apoiante da Rússia e garante de que a Rússia tem capacidade para a guerra. Há hipótese de isto mudar?
A.T. – A China é apoiante da China, o que, aliás, é uma situação normal, qualquer país é apoiante de si próprio. Isso significa que, des-

continua na página seguinte »

» continuação da página anterior

de o primeiro momento, a China é fundamental para uma qualquer solução da Guerra na Ucrânia. A Ucrânia não aguenta a guerra sem o apoio do Ocidente, mas a Rússia não aguenta a guerra sem o apoio económico da China. Esta mantém uma fronteira muito clara: apoio militar não, apoio económico e financeiro sim senhor, até porque a favorece. A forma de resolver esta guerra, do ponto de vista do Ocidente, é negociar com a China contrapartidas para ela reduzir o seu apoio económico e financeiro à Rússia e ao mercado russo. Essas contrapartidas são um dos pontos fracos da Administração de Joe Biden, que tem apertado a tarraxa em relação à China: nos últimos meses tem seguido uma política que é a de pôr cada vez mais entraves à exportação de produtos chineses. A China tem dito, clara e publicamente, que isto está tudo ligado, se querem negociar a questão da Ucrânia, é preciso negociar a questão do mercado. Tem dito também que quando a China e os EUA se entendem, o mundo avança. Foi uma mensagem muito clara.

Quando se diz que a China pensa, sobretudo, nos seus interesses e que o apoio à Rússia é decisivo, está a dizer que são as compras da China que permitem à Rússia manter a economia de guerra?

A.T. – Com as dificuldades que tem tido em a manter, mas é graças à China que a mantém, embora não sozinha – a Índia também tem sido importante. No entanto, a China representa mais de metade, portanto, é um apoio que é, de facto, fundamental. Esse apoio favorece a China, porque a Rússia vende, mas vende a preços mais baixos. O que a China continua a querer, neste momento, é o acesso ao mercado Ocidental, sobretudo em projetos onde investiu muito nos últimos tempos, por exemplo, os carros elétricos e o digital. Portanto, esses dois pontos é que estão em cima da mesa para serem discutidos. O que é curioso é que o candidato Donald Trump tem dito várias vezes que, se for eleito, ainda vai apertar mais em relação à China. Nomeadamente, tem dito que as taxas sobre as baterias e os carros elétricos chineses serão, no mínimo, de 100%. Simplesmente, isso vai ser o ponto fundamental para poder encontrar uma solução para a Guerra na Ucrânia se eventualmente for eleito.

Há dias, o presidente da Finlândia, embora apoiando as teses todas da UE e da NATO em relação à Ucrânia, admitiu que tem de se negociar e que tudo pode ser debatido numa futura negociação. Chegará um momento em que tem de se admitir que haverá uma negociação de paz com a Rússia e que poderá implicar cedências?

J.V.B. – Sim, claramente. Se me permite voltar atrás, relativamente à China houve uma entrevista recente com David Petraeus, general dos EUA, republicano, que foi afastado por razões pessoais quando era diretor da CIA, em que ele dizia que todos precisamos da China e que a China precisa de todos nós. Isto é muito importante. A China tem relações privilegiadas em termos comerciais com mais de 120 países em 193 e é o terceiro parceiro económico dos EUA. Por isso, estou em linha com o professor Telo, pois tudo o que foi a grande pressão da Administração Biden, inclusivamente no âmbito do Conselho Estratégico da NATO, para "pressionar" a China, afastou em parte a China desse processo negocial, que é importante. Quem é que foi em busca do processo negocial junto da China? Foi a própria Ucrânia, que sentiu que a China é que tem capacidade para fazer de ponte para ir ao encontro das tais cedências inevitáveis. Para além da Rússia, também a Ucrânia tem sido pressionada, também pelo mundo ocidental, no sentido de ceder. Há um artigo muito interessante publicado na *Foreign Affairs* (*The Right Way to Quickly End the War in Ukraine*) que aborda a questão das cedências e do fator tempo. O artigo é de Jakub Grygiel, que sublinha que, em primeiro lugar, é preciso deixar de haver restrições à utilização das armas de maior alcance por parte da Ucrânia, no sentido de pressionar a Rússia para a negociação, mantendo objetivos logísticos profundos. Depois, numa fase seguinte, sugere negociar, não com a base de 2013, mas com a base de 2021, ou seja, pondera reconsiderar a questão da Crimeia. No fundo, é nisto que os republicanos estão a trabalhar, e isso implica cedências que os ucranianos não querem, nomeadamente territoriais. A estratégia negocial dos ucranianos passa pelas fronteiras de 2013, mas o Mundo Ocidental, e a própria China, estão a pressionar por 2021 em termos territoriais.

Portanto, reconhecer eventualmente a perda da Crimeia e congelar o futuro do Donbass?

J.V.B. – Sim, claramente, porque a Rússia não aceita ceder. Neste momento, para a Rússia, também fazem parte outras duas repúblicas ocupadas (Zaporíjia e Kherson), para além daquilo que eram os limites do Donbass (com Donetsk e Lugansk). A solução de cedência das duas partes passará por recomeçar negociações, depois, pela maneira como vão ser considerados esses territórios em disputa, como vão ser administrados politicamente, caso da administração por parte da Ucrânia, mas com grande liberdade para os habitantes de origem e língua russas. Seja qual for a solução, tem de ter um referencial que implique cedência das duas partes. Eu tenho visto muita pressão Ocidental no sentido desse referencial, em que a Crimeia volta à situação de 2021. Não quer dizer que a Rússia e a Ucrânia aceitem a fronteira de 2021, mas é isso que está a ser jogado e pressionado, inclusivamente através da comunicação social Ocidental. Há, portanto, um assumir de ambas as partes de que é tempo de negociar. Sentimos isso da parte da Rússia e sentimo-lo da parte da Ucrânia. Esta visita à China pelo ministro dos Negócios Estrangeiros da Ucrânia, Dmytro Kuleba, foi o auge dessa visão.

A.T. – É curioso que a Administração Biden fez dois erros gravíssimos nos últimos tempos, que puseram em causa a sua reeleição. Um deles foi a relação com a China: não geriu globalmente a relação com a China, não percebeu o que estava a acontecer e que as coisas estão todas interligadas. O outro, que quase custou a guerra à Ucrânia, foi a política em relação à fronteira sul. O que os republicanos disseram no Congresso foi que aceitariam a ajuda à Ucrânia desde que o Governo alterasse a política em relação à fronteira sul, e Biden não cedeu. Depois cedeu, na última hora, quando já era demasiado tarde e quando já não estava ligado à guerra na Ucrânia. Isso atrasou seis meses a ajuda à Ucrânia. Foi uma cegueira clara de Biden, porque aquilo que os republicanos queriam que ele fizesse para abrirem mão na questão da ajuda à Ucrânia, foi aquilo que ele fez depois, sem ter já nenhuma contrapartida por parte dos republicanos. Aguentou durante seis meses uma situação impossível para depois, à última hora, alterar a política sobre a fronteira sul e a desgraça que aquilo está, mas já foi demasiado tarde. Se esta Administração perder as eleições, não tenho dúvida de que será por causa dessas duas coisas, mas principalmente por causa da intransigência com a política para a fronteira sul.



A GUERRA QUE AÍ VEM – A UCRÂNIA NUM MUNDO EM MUDANÇA
António Telo e João Vieira Borges
Tribuna da História
240 páginas

Como é que se chegou à guerra? Foi culpa do alargamento da NATO ou do imperialismo russo?

A.T. – Esta guerra é a nona guerra de Putin e as guerras de Putin são sempre pela mesma causa. São sempre por questões que têm que ver com minorias russas, em termos da Europa e dos países vizinhos, ou que têm que ver com interesses vitais da Rússia, nomeadamente, nos casos do Médio Oriente e da Síria. O envolvimento é sempre esse. Esta lógica é o que tem mantido Putin no poder e ele sabe isso. Putin aparece perante o povo russo como o indivíduo que lhes traz a vitória. Das nove, houve duas que terminaram em derrota clara e sete funcionaram bem, deram ganhos à Rússia. A primeira guerra da Chechénia foi uma desgraça, mas aí ele não está diretamente envolvido. Quando faz a segunda mostra logo a sua falta de quaisquer limites nessas ocasiões. O que foi feito pela Rússia na segunda guerra chechena foi talvez muito pior do que o que terá sido feito posteriormente, o que foi feito na intervenção na guerra civil na Síria também ultrapassa tudo o que até aí tinha acontecido. Isto, do ponto de vista do regime de Putin é algo essencial para a sua manutenção, ele tem de dar a imagem do homem forte que obtém ganhos. Mais do que isso, é a maneira de ele valorizar aquilo que a Rússia tem, inclusive mais importante do que a China, que é o seu dispositivo militar e que é valorizado com qualquer ganho externo, quer na Europa quer fora. Depois, ligado a isto, há também toda a política, que é essencial para a economia russa, que é a política de exportação da guerra, de exportação dos mercenários, de intervenção nas situações de caos de múltiplos países e que transformou África naquilo que vemos hoje, que transformou a Ibero-América naquilo que vemos hoje. Tudo isso tem, de facto, a mão de Putin por trás. Portanto, esta é uma lógica que, ao fim e ao cabo, é de continuidade, com uma grande diferença, que foi, de facto, a grande diferença da Ucrânia: duvido que se Putin soubesse que a guerra ia correr como correu, a tivesse começado sequer. Tenho sérias dúvidas. Ele estava à espera de uma guerra curta.

Esperava um passeio até Kiev?

A.T. – Sim, estava à espera de uma operação militar especial que terminaria como terminou em 2014. Se perguntar, mas então quem é que está a ocupar as instalações na Crimeia? O ministro da Defesa russo responde que não sabe, que são pequenos homens verdes… Os famosos pequenos homens verdes vêm daí. Ele estaria à espera de mais uma intervenção semelhante a essa, mas as coisas não correram assim. Foi a única vez em que as coisas não correram como Putin estava à espera.

J.V.B. – A questão da NATO, que é o grande argumento da Rússia para a invasão da Ucrânia, designadamente na narrativa para os seus parceiros e aliados africanos, não pode servir de justificação para o início da Guerra. Em 2022, a NATO, estava em decadência, nas palavras dos seus próprios membros (em "morte cerebral", segundo Emmanuel Macron)!

"Esta guerra é a nona guerra de Putin e são sempre pelas mesmas causas: minorias russas, ou questões que têm que ver com interesses vitais da Rússia."

António Telo
Historiador



"Portugal é um dos países que apoia mais a Ucrânia. Estamos tão longe da Ucrânia em termos geográficos, mas estamos tão perto dos ucranianos, por várias razões."

João Vieira Borges
General



Está a falar de África ou do chamado Sul Global em geral?
J.V.B. – Do Sul Global em geral, e da África em particular. Como acompanho as notícias de Angola, de Moçambique e da Guiné, vejo que é sempre esse o argumento dos nossos camaradas militares, o de que o problema foi a expansão da NATO. Ora bem, a NATO estava enfraquecida e os líderes americanos e europeus tinham razão. Portanto, como estamos a ver, desde o início da guerra, há dois anos e meio, a NATO está num processo de coesão e de recuperação a vários níveis, desde o político ao militar, inclusivamente com o alargamento à Suécia e à Finlândia. O que Putin aproveitou nessa altura foi a fraqueza da NATO, a fraqueza dos líderes europeus, a dependência, ou a falta de autonomia estratégica, da maior parte dos países europeus, designadamente dos países de Leste, a começar na própria Alemanha, em termos energéticos (gás, petróleo, etc.). Ele foi trabalhando tudo isso e quando viu que a fraqueza estava do lado Ocidental tomou esta decisão à espera de um resultado fácil. Portanto, é exatamente o contrário da perspetiva apresentada pela Rússia.
A.T. – Só queria acrescentar que acho curioso ouvir certas pessoas que dizem que a Rússia jamais aceitará a Ucrânia na NATO e esquecerem-se de que a Rússia acabou de aceitar a Finlândia na NATO, país que tem uma fronteira com a Rússia que é tão grande como a fronteira da Ucrânia, são mais de mil quilómetros!
Há novidades nesta guerra, como a utilização dos *drones*. No caso da Ucrânia teve que ver com a necessidade de ser inventiva por não ter recursos. Do lado russo também há novidades?
A.T. – Há muitas novidades. Esta guerra é uma guerra de transição para uma guerra que será diferente em termos de empenhamento de recursos humanos. Terá muita Inteligência Artificial e terá muitos outros tipos de capacidades, mas ainda não é essa guerra. Uma coisa curiosa neste conflito, tal como ele se está a desenvolver, é que, neste momento, a IA, os *drones*, etc., já criam uma situação que torna muito difícil a guerra de movimento das grandes forças mecanizadas, mas empurra os conflitos para uma guerra de negociações, de erosão e desgaste. É uma guerra onde, ao contrário do que seria de esperar, a aviação tradicional, os carros de combate, os veículos blindados, aparecem de repente no papel, o que é completamente diferente do passado. Isto também tem muito que ver com a doutrina militar russa, que é uma doutrina que sempre privilegiou o poder bruto e não o movimento, o contacto através do movimento e o desequilíbrio através do movimento. No entanto, esta guerra tem de ser integrada num quadro de transição, que começou com a Guerra do Golfo em 1991 e ainda não terminou, mas, claramente, esta já está mais do lado de lá do que do lado de cá.
J.V.B. – Isto é muito importante. Desde a Guerra do Golfo que temos mais dois grandes domínios no teatro de operações, para além da terra, do ar e do mar; o ciber e o espaço. Concordo totalmente que é uma fase de transição, até porque no teatro de operações temos duas dimensões, uma espécie de guerra convencional tradicional na linha da frente e depois temos todos os outros domínios no restante teatro de operações (multidomínio). Ainda recentemente tivemos conhecimento de um ciberataque sobre os bancos russos da parte da Ucrânia; vemos *drones* que não têm absolutamente nada que ver com o que era o papel de reconhecimento e vigilância das primeiras versões; temos hoje *drones* de ataque que destroem a maior parte dos alvos, desde carros de combate a zonas de reunião de pessoal. Neste momento são responsáveis pelo maior número de baixas no teatro de operações, já não é a artilharia. Isto é uma mudança drástica em relação ao início do conflito, em que a artilharia era responsável por cerca de 70% das baixas. Neste momento, esse número, ou perto dele, é pertença dos *drones*. O mundo mudou completamente com a IA a nível de comando, controlo e comunicações, mas também ao nível da defesa aérea. Zelensky, todos os dias diz que é preciso mais defesa aérea. Posso dizer que há avanços enormes em termos tecnológicos de parte a parte. Não é só da parte da Ucrânia, com o apoio Ocidental, a criar *drones* com maior alcance, eficácia, capacidade de destruição e menos sombra, como também da parte da Rússia, que está sistematicamente a fazer avanços nas diferentes áreas. Nós não conhecermos todas as novas tecnologias é bom sinal, quer dizer que as informações de ambos os lados estão a trabalhar bem. Mas é certo que a capacidade de inovação e de adaptação vai tendo efeitos no teatro de operações neste processo de transição.
Portugal está a ser pressionado pelos outros membros da NATO desde 2014 para que faça a sua contribuição de 2% do PIB e tentou mostrar empenho nesta Guerra na Ucrânia, mas estes 2% em Defesa num país como o nosso são exequíveis? A opinião pública, estando a Ucrânia tão longe, aceitará um investimento militar desse montante?
J.V.B – Aceita. E os indicadores nesse sentido são parte do Eurobarómetro e de sondagens realizadas regularmente em Portugal . Portugal é um dos países que apoia mais a Ucrânia. Estamos tão longe da Ucrânia em termos geográficos, mas, como dizemos no nosso livro, estamos tão perto dos ucranianos, por várias razões. Como nós sabemos isso deve-se não só aos valores, como também a uma grande comunidade ucraniana em Portugal desde os Anos 1990 e que agora foi reforçada na sequência da guerra. A população portuguesa, e isso segundo as várias sondagens, apoia claramente a Ucrânia, não só em termos financeiros, económicos e humanitários, como em termos militares. É preciso é que se desenvolvam capacidades, não só de recursos humanos, como também de recursos materiais, de modo a que possamos não só apoiar a Ucrânia, mas termos também a tal autonomia estratégica, neste caso estratégico-militar. Temos umas Forças Armadas muito reduzidas, com cerca de 23 000 homens e mulheres, e um Exército já inferior a 10 000 homens e mulheres. O cidadão português tem noção disso também. Em termos de armamento também temos necessidades enormes. Com os sucessivos cortes, perdemos algumas capacidades, designadamente na defesa aérea: temos o F-16 e já deveríamos estar num processo de aquisição do F-35; e em termos de antiaérea não temos sistemas de baixa e muito baixa altitude (para além do míssil portátil *Stinger*) e muito menos de média altitude. Ao nível da Marinha está em execução o programa de construção dos Navios de Patrulha Oceânicos da 3.ª série e o desenvolvimento de vários projetos estruturantes, designadamente a aquisição da Plataforma Naval Multifuncional e a modernização das fragatas. Tudo isso faz parte da necessária revisão da Lei de Programação Militar que teve lugar em 2023 e que implica investimentos na indústria nacional, muito para além da própria indústria de Defesa. Mas para cumprirmos o nosso compromisso dos 2% do PIB até 2029 com a NATO, teremos de aumentar o Orçamento das Forças Armadas de 4,1 mil milhões de euros para 6,2 mil milhões (cerca de 400 milhões por ano). Julgo que é exequível, necessário e urgente.

LEIS ELEITORAIS

PSD e PS travam "mudanças" e prolongam "desigualdades"

IMPASSE AD excluiu do Programa do Governo as propostas de "extrema importância" do programa eleitoral. PS argumenta que "revisão do Sistema Eleitoral" não foi promessa de campanha. Desde 1975 já foram para "o lixo" mais de nove milhões de votos. "Falta de vontade" de socialistas e sociais-democratas mantém sistema "desproporcional".

TEXTO **ARTUR CASSIANO**

Em 2015 e 2019, o PS defendeu a introdução de círculos uninominais e a adoção de mecanismos de proporcionalidade. No programa eleitoral de 2022 já não havia nenhuma proposta e no deste ano "a revisão do Sistema Eleitoral não constava do programa eleitoral do Partido Socialista", como o próprio partido reconhece.

A única iniciativa, "nesta matéria", foi a apresentação de "um projeto de resolução para consolidação da legislação eleitoral dispersa num código eleitoral único, que foi aprovado", refere fonte do PS ao DN.

O PSD que já chegou a propor a redução dos atuais 230 deputados para 215 – a proposta de um aumento dos círculos nacionais para 30 (176 deputados), círculo de compensação (34 deputados), outro da Europa (3) e Fora da Europa (2) – e que no programa eleitoral de 2024 com o CDS gastou quatro páginas a explicar o que era "preciso mudar" no "sistema político e eleitoral" excluiu do Programa do Governo as propostas que levou a votos a 10 de março e que classificava como "o dever de revitalizar a democracia".

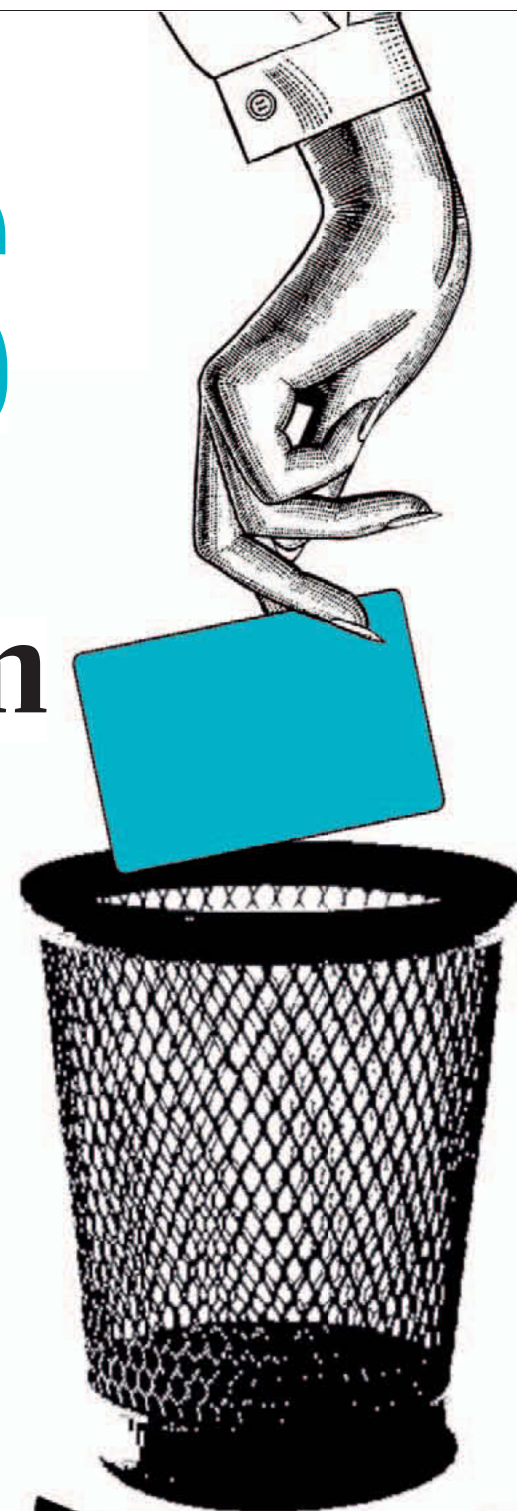
"A revisão do sistema político e eleitoral carece de um consenso alargado em que o PSD se deve empenhar, assim haja vontade dos demais grupos parlamentares", explica agora fonte da direção do partido.

O que defendia a AD? Um "debate público" sobre a "redução da idade legal para o exercício do direito de voto para os 16 anos"; "introduzir o voto por correspondência nas Eleições Presidenciais e Europeias para os eleitores das comunidades portuguesas, à semelhança do que sucede nas Eleições Legislativas"; "testar o voto eletrónico não-Presencial para os eleitores das comunidades portugueses, avaliando a exequibilidade e segurança da sua introdução como método de votação"; "promover o voto em mobilidade em eleições em que tal seja exequível"; e "a possibilidade de os círculos eleitorais para a Assembleia da República atenderem, também, à dimensão territorial em conjugação com a proporcionalidade populacional".

Matérias que o PSD e CDS, no programa eleitoral, consideravam de "extrema importância", pelo facto de "os territórios do interior terem vindo a perder representação no Parlamento", também porque ajudariam a "combater a abstenção desses eleitores" e ainda por não existirem "portugueses de primeira ou de segunda".

No CDS a vontade de mudar existiu. Assunção Cristas, então líder centrista, defendia o crescimento do partido para que fosse possível integrar os "dois terços

> CDS é detentor de um recorde: o do partido que mais votos viu "desperdiçados" [quase 146 mil] numa única eleição – aconteceu nas Legislativas de 1987.



761 080 VOTOS PERDIDOS EM 2024

do Parlamento que mudam as leis eleitorais".

"Sabemos que qualquer alteração aos círculos eleitorais, ou coisas mais profundas, naturalmente vai ser lido à luz de quais são os ganhos daqueles [PSD e PS] que decidem o resultado dessa votação no Parlamento", dizia Assunção Cristas.

E agora que o CDS já integra os dois terços? A opção foi não responder às questões do DN, nomeadamente se a prometida reforma do Sistema Eleitoral no programa eleitoral da AD, mas excluída do Programa do Governo, se mantém ou deixou de ser tema.

E há "vontade dos demais grupos parlamentares"? A 3 de maio, quando foi a votos a proposta do Livre para a criação de um círculo de compensação – PAN, Bloco de Esquerda e Iniciativa Liberal apresentaram propostas no mesmo sentido – o resultado foi um "bloco de desculpas" [de PS e PSD, como acusou a IL] e a repetição do que já tinha acontecido em dezembro de 2023 – socialistas, sociais-democratas e comunistas travaram a mudança proposta pela IL. Chega, IL, BE, PAN e Livre votaram a favor.

Nesse dia, António Filipe garantiu que o PCP "não se afasta[va]" desta discussão. Porém, "não está na nossa agenda propor alterações à Lei Eleitoral", garantiu ao DN o partido, que nestas últimas legislativas viu 91 080 votos não servirem para nada – não foram convertidos na eleição de um deputado.

O detalhe desta vez? PS e PSD deixaram que os projetos de lei baixassem à especialidade na Comissão de Assuntos Constitucionais, Direitos, Liberdades e Garantias e "espera-se", diz o PAN, que as propostas "sejam encaminhadas para avaliação no grupo de trabalho para revisão e codificação da legislação eleitoral".

Por agora, ficam no "congelador", como referiu ao DN fonte parlamentar, e só lá "para setembro" ou só "mesmo depois do Orçamento" é que o que a AD considerava de "extrema importância" e que, para o PS, "não é prioritário" deve voltar, "se voltar", a debate.

Pedro Delgado Alves, deputado socialista, já disse que não vê necessidade de ser criado um círculo de compensação e Alexandra Leitão, a líder parlamentar do PS, defende que o atual sistema já permite a "proporcionalidade" embora admita, sem explicar qual, uma "ponderação diferente".

A "proporcionalidade" reflete, no entanto, uma realidade: desde 1975 já foram desperdiçados 9 031 514 votos. Nas últimas Legislativas 12,29% dos votos – um total e um recorde de 761 080 – foram para "o lixo".

A análise partido a partido coloca o PAN como a força política que mais perdeu, nas eleições deste ano, com o atual sistema: 73,97% dos votos no partido liderado por Inês de Sousa Real não foram convertidos num mandato. Seguem-se BE (47,77%), PCP (44,31%), Livre (35,99%) e IL (26,98%). Nos restantes, as perdas – os votos que não elegem ninguém – são baixas: AD (2,62%), Chega (1,13%) e PS (0,79%). O CDS em 2022, por exemplo, atingiu o pleno: os 89 181 votos que recebeu não serviram para eleger ninguém. Já o PAN com 88 mil e o Livre com 71 mil conseguiram, respetivamente, eleger um deputado.

Lista dos "perdedores", desde 1987, inclui CDS, CDU, BE, PAN, IL e Livre. Antes disso, surgem o MDP, UDP, PRD, POUS/PST e novamente CDS e CDU [APU].

Por que nada muda? Luís Humberto Teixeira, politólogo, mestre em Política Comparada pelo ICS-UL, não tem dúvidas de que a responsabilidade é de PS e PSD que "não querem mudanças porque são os principais interessados, os principais beneficiados. A resposta é muito simples".

"A discrepância entre círculos eleitorais", sublinha, "existe por falta de vontade de PS e PSD. E agora também o Chega. São estes os três partidos que mais são beneficiados pelo sistema."

Marina Costa Lobo, doutorada em Ciência Política pela Universidade de Oxford, investigadora principal do Instituto de Ciências Sociais-UL, em declarações ao DN, defendeu já esta ideia de que "os atores principais não estão interessados nisso".

Como o Sistema Eleitoral "foi desenhado pelos partidos que ainda são dominantes", há o receio, considera, que "qualquer mudança no sentido da maior proporcionalidade crie oportunidades para fomentar a fragmentação do sistema partidário".

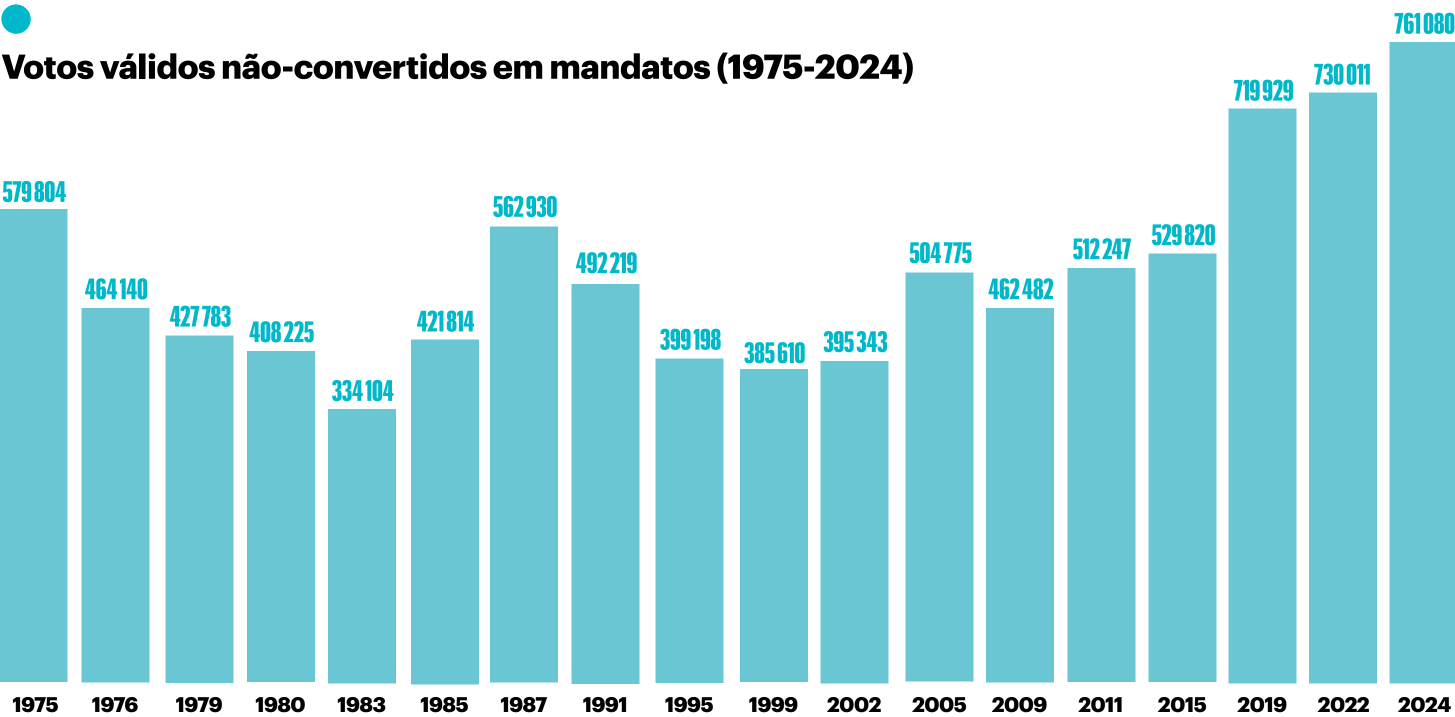
Ora, este é precisamente um dos argumentos socialistas. Alexandra Leitão, a líder parlamentar, sustenta em defesa do atual sistema que, como está, "não permite uma excessiva fragmentação".

Marina Costa Lobo já tinha manifestado opinião contrária ao considerar que "o nosso Sistema Eleitoral tem uma fórmula proporcional que é a mais desproporcional das fórmulas proporcionais". Luís Humberto Teixeira até dá o exemplo de "uma votação de 16 mil pessoas num círculo que elege e, noutro, 20 mil votos não elegem ninguém".

É uma desigualdade? "Sim, mas o interesse em mudar algo que os beneficia não existe, mesmo sabendo que, com isso, estão a prolongar situações de desigualdade", resume Luís Humberto Teixeira.



Votos válidos não-convertidos em mandatos (1975-2024)



PERCENTAGEM DE VOTOS QUE NÃO ELEGEM NINGUÉM

43,3% EUROPA
40% PORTALEGRE
38,7% FORA EUROPA
28,5% BRAGANÇA
28% BEJA
25,4% MADEIRA
23% ÉVORA
22,9% FARO
20,1% LEIRIA
19,3% SANTARÉM
18,8% COIMBRA
16% VIANA DO CASTELO
15,4% CASTELO BRANCO
14,3% VISEU
13,3% BRAGA
12,8% GUARDA
12,4% AVEIRO
12,1% AÇORES
11,6% VILA REAL
5,7% SETÚBAL
5,6% PORTO
2,7% LISBOA



LEONARDO NEGRÃO / GLOBAL IMAGENS

Ministro quer rever Lei de Programação Militar: está "fora do seu tempo".

Nuno Melo garante que "todos" os militares serão ouvidos sobre os aumentos anunciados

CONCRETIZAÇÃO Ministro da Defesa vai convocar chefias e associações para discutir operacionalização das medidas.

As associações socioprofissionais militares e as chefias dos Ramos vão voltar a ser ouvidas pelo Ministério da Defesa sobre a regulamentação das medidas recentemente anunciadas, incluindo aumentos, para as Forças Armadas, prometeu o ministro Nuno Melo.

"Serão todos [chefias militares e associações] de novo ouvidos. E, por isso, os diplomas em concreto serão submetidos à apreciação de todos, para que se pronunciem e o circuito legislativo termine", adiantou o ministro da Defesa Nacional à Lusa.

O governante fazia referência à subida das remunerações dos militares, recentemente aprovadas em Conselho de Ministros, com a grande maioria a entrar em vigor a partir do próximo ano ou em 2026.

Nuno Melo explicou que está em causa a "concretização legislativa", nomeadamente a regulamentação dos diplomas, para que as medidas que entram agora em vigor possam estar operacionalizadas e as dos anos seguintes cumpram os prazos.

As associações socioprofissionais de oficiais, sargentos e praças têm criticado o ministro, exigindo a sua presença nas reuniões e afirmando que até agora não houve qualquer negociação, apenas encontros com o secretário de Estado-Adjunto e da Defesa, Álvaro Castelo Branco, nas quais lhes foi pedido que apresentassem as suas reivindicações.

Sobre a sua presença nas reuniões, o Governante adiantou que "as associações serão chamadas outra vez, e todas as chefias, [para reunir] com o ministro, com o secretário de Estado, com quem tiver de ser".

Na semana passada, ao DN, Nuno Melo, questionado sobre quando é que os militares iriam ver os aumentos salariais – que resultam da promessa de "equiparação" entre forças de segurança e Forças Armadas –, adiantou que, "em alguns casos, vão ver já", acrescentando que "noutros casos, faseadamente, em 2025 e 2026.

"Temos também suplementos que são, pela primeira vez, considerados pelo poder político", completou o governante.

À Lusa, o ministro ainda admitiu uma revisão da Lei de Programação Militar, justificando alterações com o facto de esta estar "fora do seu tempo". Para além disto, continuou o ministro, é necessário responder ao atual contexto internacional, como a guerra na Ucrânia e o agravar do conflito no Médio Oriente, juntamente com as crescentes exigências de investimento da NATO.

DN/LUSA

PS pede reuniões a hospitais com Urgências fechadas

O PS anunciou ontem que vai pedir reuniões esta semana com os hospitais que estão com Urgências encerradas e apelou ao primeiro-ministro para que apresente medidas que respondam às dificuldades do Serviço Nacional de Saúde (SNS).

O coordenador da bancada do PS para a área da Saúde, João Paulo Correia, na sequência do encerramento, este fim de semana, de mais de 10 Urgências de Ginecologia/Obstetrícia e de Pediatria no país, confirmou à Lusa o pedido para reunir com os hospitais.

Segundo o deputado, estas reuniões irão permitir "chegar a um nível de informação" que o PS considera que "é importante passar para o público e para a opinião pública".

O deputado socialista considerou preocupante a "postura reativa" da nova Direção Executiva do SNS, "o silêncio" da ministra da Saúde e o facto de o Governo ainda não ter chegado a acordo com os profissionais de saúde, o que disse acrescentar "ainda mais instabilidade ao dia a dia do SNS".

Face ao silêncio da ministra da Saúde, "de uma nova Direção Executiva que não é capaz de planear e programar, o grupo parlamentar do PS entende que o primeiro-ministro deve dar uma explicação aos portugueses sobre os falhanços da governação na área da Saúde e, acima de tudo, dar garantias sobre aquilo que o Governo pensa fazer no imediato, porque as próximas semanas, o mês de agosto e também o mês de setembro antecipam-se como muito problemáticos", alertou.

DN/LUSA

Mais de 9,2 milhões de dias perdidos por absentismo no SNS até junho, quase metade por doença

REALIDADE Numa altura em que o país continua a ter Serviços de Urgência a encerrar por falta de recursos humanos, em que alguns funcionam com equipas mínimas, em que várias classes profissionais clamam exaustão, o presidente da Sociedade Portuguesa de Medicina do Trabalho diz que os números do absentismo "são importantíssimos" e que devem levar "os gestores a tirar conclusões".

TEXTO **ANA MAFALDA INÁCIO**

Nos primeiros seis meses do ano, o Portal da Transparência do Serviço Nacional de Saúde (SNS) dá conta de que os profissionais do setor público, num universo de 151 mil, perderam 9 270 004 dias por ausência ao trabalho. Um número menor do que o registado no mesmo período em 2023 (9 644 112), representando uma redução nos dias perdidos, menos 625 892 em 2024. De qualquer forma, o presidente da Sociedade Portuguesa de Medicina do Trabalho (SPMT), Jorge Barroso Dias, alerta: "São números importantíssimos" para o SNS, que devem fazer "os gestores analisar o fenómeno do absentismo para tirarem conclusões" e encontrarem soluções, de forma a "prevenir a doença no trabalho", precisamente porque este é o principal motivo de ausência, seguido da proteção na parentalidade.

O presidente da Associação dos Administradores Hospitalares (APAH), Xavier Barreto, assume ao DN que "o absentismo é e sempre foi um problema", tal como "um desafio enorme", porque "cria a incerteza". Xavier Barreto explica que "não podemos contratar mais pessoas do que as necessárias e temos de ser cada vez mais eficientes", porque "o absentismo é da ordem dos dois dígitos (em praticamente todos os grupos profissionais)".

Mais de quatro milhões de dias perdidos por doença até agora

Os números do Portal do SNS indicam que, até junho deste ano, a perda de dias por doença já atingiu os 4 224 830 e por proteção à parentalidade os 2 763 630, mais de metade do total de dias perdidos.

A ausência ao trabalho por doença aumentou com a pandemia, registando em 2019, 12 633 927 dias perdidos, 17 604 663, em 2020, 18 503 092, em 2021, e 20 702 640, em 2022, o que foi considerado um verdadeiro recorde, pois nunca se tinha faltado tanto ao trabalho no SNS por este motivo. Em 2023, baixou para 16 087 556, mas o número total de dias perdidos também diminuiu em relação a 2022. No ano passado, o total do absentismo traduziu-se em 35 719 624 dias perdidos, enquanto em 2022 o total foi de quase 40 milhões de dias perdidos, 39 359 135.

O presidente da SPMT defende que os números do ano passado e já deste ano ainda podem refletir, de alguma forma, doenças contraídas durante a pandemia e até o cansaço provocado por esta, já que "os profissionais de saúde exercem uma atividade de risco, e em caso de epidemias ou pandemias, são os que estão na primeira linha de combate, sendo assim os que estão mais expostos aos riscos e aos seus efeitos, como "covid longo ou sequelas relacionadas com o *stress* pós-traumático da situação", diz.

Contudo, e numa altura em que se todos os dias e semanas há Serviços de Urgência que têm de encerrar por falta de recursos, sobretudo médicos, quando há serviços que continuam a funcionar com equipas mínimas em que se continua a assistir à saída de profissionais do SNS, o presidente da SPMT reforça que o importante é olhar para os números e analisar os motivos do absentismo, porque este "é um fenómeno multifatorial e tem de ser enquadrado como tal".

Para Jorge Barroso Dias o que está em causa não é "se são muitos dias ou poucos dias perdidos no SNS", porque tal também "depende da população que estamos a avaliar e o seu universo" – no caso do SNS falamos de mais de 150 mil trabalhadores de 11 categorias profissionais diferentes, que vão desde os médicos aos enfermeiros, dos farmacêuticos aos técnicos superiores, dos técnicos de diagnóstico até aos uxiliares de saúde.

Ou seja, o absentismo não deve ser enquadrado pelo número de dias, mas pelas condições de trabalho, pela motivação, pela idade e até pelos objetivos de carreira e de vida. O certo é que se já faltam recursos humanos nas unidades de saúde, porque deixam o SNS, o absentismo é um fator que também agrava esta realidade, até porque tem como principal motivo a doença.

O bastonário dos enfermeiros, Luís Barreira, que representa uma das classes cuja taxa de absentismo é considerada das mais elevadas no SNS (embora os dados do Portal do SNS não indiquem os dias perdidos por categoria profissional) argumenta mesmo que " a carga horário e o desgaste físico e psicológico está na base do absentismo". Luís Barreira argumenta com o último estudo do Ministério da Saúde, do final de 2023, que revela que, só na área da enfermagem, há uma escassez de 14 mil profissionais – "só este número leva a que aqueles que estão nos serviços sejam sobrecarregados, muitas vezes com turnos duplos", o que é depois agravado com uma taxa de 13% de absentismo.

Para o bastonário, "o absentismo está essencialmente associado às condições de trabalho e à gestão dos recursos", referindo que os estudos que a própria ordem realizou indicavam que "65% dos enfermeiros assumia sentirem-se, sempre ou várias vezes por semana, fisicamente exaustos, o que, para nós, significa que a carência grave em recursos está a levar à sobrecarga de trabalho e ao absentismo". Não é em vão, destaca, que "em 2023 os enfermeiros fizeram

RETRATO

MOTIVOS
De acordo com o Portal do SNS, a doença é o principal motivo do absentismo no Serviço Nacional de Saúde. No final de 2022, levou à perda de quase 20 milhões de dias por ausência do trabalho, em 2023 levou a mais de 16 milhões de dias perdidos e, até junho de 2024, já representou mais de 4,2 milhões de dias perdidos. O segundo motivo é a proteção na parentalidade, que em 2022 representou mais de 11 milhões de dias perdidos, em 2023 mais de 10 milhões e, até junho de 2024, já vai em 2,7 milhões de dias. O terceiro motivo são os acidentes ou doença profissional. Este ano, por exemplo, já vão em meio milhão de dias perdidos.

REGIÕES
Os dados do SNS indicam que a Região Norte tem sido a que regista maior número de dias de ausência ao trabalho, que terminou o ano de 2023 com mais de um milhão de dias perdidos, seguida de Lisboa e Vale do Tejo (LVT) com 977 mil, depois o Centro, o Alentejo e o Algarve. Este ano, só no mês de junho, o Norte registou mais de 982 mil dias perdidos, LVT 890 mil, o Centro 426 mil, o Algarve 131 mil e o Alentejo 118 mil. Mas nos primeiros seis meses do ano, o total de dias perdidos no país é de 9 270 004.

ENTIDADES
Os hospitais universitários são os que registam maior número de dias perdidos, o que tem a ver com o facto de serem também as unidades de saúde com maior número de profissionais e com atividades mais complexas. Seguem-se depois os IPO e o INEM.
A destacar que os hospitais da Região de LVT, como Garcia de Orta, Fernando da Fonseca, em Setúbal, são dos que registam também elevado número de absentismo.





Escassez de recursos humanos leva à sobrecarga de trabalho e ao desgaste físico e psicológico.

ARTUR MACHADO / GLOBAL IMAGENS

mais de cinco milhões de horas de trabalho suplementar".

O absentismo é fenómeno multifatorial

O presidente da SPMT começa por explicar ao DN que "o fenómeno do absentismo é multifatorial" e que há variáveis que não podem ser esquecidas na sua análise, nomeadamente a questão da idade e "o facto de a nossa população estar a envelhecer", afirma. E se assim é, "é normal que tal se reflita na evolução da idade dos profissionais de saúde".

Até porque, salienta, "um dos temas que muito tem sido abordado ultimamente é o dos profissionais de saúde mais jovens, nomeadamente médicos, embora com uma carreira mais curta no SNS, estarem a sair do serviço público atraídos pelo fenómeno da emigração ou para o setor privado ou outras atividades". Logo, quem fica no SNS "acaba por ser quem já é mais especializado e com mais idade", concordando que, "se há menos recursos humanos nalgumas classes profissionais, os que ficam acabam por ser mais sobrecarregados nas suas funções. E quanto mais sobrecarga houver, quanto mais avançada for a idade dos profissionais, mais o absentismo se poderá fazer sentir".

Mas Jorge Barroso Dias considera também que as condições de trabalho "são um fator fundamental" para a motivação das equipas, para a produtividade e consequentemente para o absentismo. "As condições de trabalho são fundamentais para a motivação, para que as equipas possam funcionar melhor e para que, de alguma forma, o quotidiano destas seja mais confortável". E exemplifica: "Temos visto muitas notícias sobre os profissionais que não querem fazer mais horas extras. Por um lado, isto significa que se está a assumir que é preciso fazer mais horas extras do que aquelas que a lei permite para manter o SNS a funcionar, por outro temos os profissionais a não quererem trabalhar para além do seu horário normal. Isto não tem só a ver com a remuneração, mas também com as condições de trabalho."

> *"Todos os serviços públicos deveriam assegurar serviços competentes de Saúde Ocupacional e de Segurança, e corretamente dimensionados para as necessidades, devendo promover-se a formação e o internato médico nesta especialidade."*
>
> ***Jorge Barroso Dias***
> *Presidente do SPMT*

O médico, que já passou por serviços de Medicina do Trabalho, Saúde Ocupacional e Segurança, de várias unidades de saúde, diz que, embora "sejam necessários mais estudos concretos sobre as condições de trabalho no SNS, sabe-se que as más condições de trabalho afetam o absentismo e que boas condições promovem melhor saúde e profissionais mais motivados". E tanto é assim para as unidades de Saúde como para qualquer outra atividade. As razões são simples. "As boas condições permitem que os profissionais não adoeçam, devido a fatores físicos ou psicológicos".

No SNS, um dos fatores principais para a sobrecarga de trabalho é a falta de recursos humanos, mas não só. Jorge Barroso Dias refere o trabalho por turnos e noturno como um fator para o desgaste físico, psicológico e para o absentismo", aproveitando para salientar que, hoje, "as condições de trabalho também são diferentes de região para região e de Unidade Local de Saúde para Unidade Local de Saúde", mas "a Medicina do Trabalho deve ter um papel fundamental em cada unidade na vigilância da saúde dos profissionais, para poder identificar os problemas e resolvê-los".

Há unidades de saúde sem Medicina do Trabalho

Quando perguntamos o que pode ser feito para que o absentismo no SNS seja reduzido, o presidente da SPMT diz que, em primeiro lugar, todas as unidades têm de ter um Serviço de Saúde Ocupacional e de Segurança, o que não acontece hoje.

"Os Serviços de Saúde Ocupacional e de Segurança no Trabalho são um direito para todos os trabalhadores por conta de outrem, sejam do setor público ou privado. Está na lei, e se este não é cumprido está a retirar-se esse direito fundamental aos trabalhadores." Mas para que a lei seja cumprida, Jorge Barroso Dias também defende que todos os que trabalham, quer seja no SNS ou não, "têm de ser mais exigentes com as organizações".

Se a Medicina do Trabalho ainda é uma especialidade médica que "é quase invisível, embora tenhamos sido muito importantes durante a pandemia", é porque, "a população portuguesa dá pouca importância à prevenção da doença, e isto é uma questão cultural", explica o médico. "Mas é a Medicina do Trabalho (MT) que, ao atuar dentro das organizações, pode modificar as culturas de saúde e de segurança no trabalho, contribuindo para a proteção dos trabalhadores, prevenindo doenças profissionais agravadas e até os acidentes. A MT tem como missão preservar a longevidade e o envelhecimento dos trabalhadores no seu dia a dia. E isto deveria ser valorizado."

Por isto, faz um apelo a quem de direito: "Todos os serviços públicos, nomeadamente os da saúde, deveriam poder assegurar serviços competentes de Saúde Ocupacional e de Segurança corretamente dimensionados para as necessidades, devendo promover-se a formação e o internato médico nesta especialidade." Até agora, sublinha, "a MT do trabalho tem sido absolutamente esquecida. Na pandemia passámos a ser importantes, porque fomos os grandes aliados da Saúde Pública na contenção dos surtos e no apoio aos trabalhadores; agora voltámos ao esquecimento, e a culpa é de todos, porque temos de ser mais exigentes".

Sem exigência, não há vigilância, sem esta não há identificação de problemas e, sem esta, não há soluções, mais saúde ou mais conforto nos locais de trabalho. Jorge Barroso Dias diz mesmo que o absentismo tem de ser analisado pelas organizações para ser corrigido.

O presidente da APAH, Xavier Barreto, reconhece que "a pandemia foi um período intenso que deixou marcas. Muitas ainda não resolvidas", havendo mesmo "países que criaram programas específicos para aumentar o bem-estar dos trabalhadores depois da pandemia". Na sua opinião, "é este o caminho que deve ser seguido no SNS: deve-se investir mais em Medicina do Trabalho, na avaliação de riscos psicossociais, mas também na melhoria das condições de trabalho dos profissionais".

O gestor reforça o que tem sido dito tantas vezes: os recursos humanos "são o nosso bem mais escasso, mas mais valioso, e o investimento em programas de melhoria do bem-estar terá certamente uma relação de custo-efectividade muito positiva". Rematando: "Se os trabalhadores faltam, alguma coisa não está bem. Se estão desmotivados ou se já não se identificam com o propósito da instituição, isso merece reflexão por parte da gestão, o que, em muitos casos, não tem sido feito."

anamafaldainacio@dn.pt



Opinião
Armindo Monteiro

Ter lucros é mau?

Chamam-lhes lucros gigantescos, lucros colossais. Por estes dias, basta olhar à nossa volta e depressa verificamos que não faltam hipérboles e adjetivos superlativos na tentativa de desqualificar os resultados apresentados pelas grandes empresas no 1.º semestre.

Não é um facto novo, nem surpreendente. Portugal ainda não ultrapassou esta obsessão anacrónica contra o bom desempenho comercial e o êxito empresarial e até pessoal. Genericamente, o país desconfia do sucesso, faz questão de o menosprezar, cultivando a ideia estapafúrdia de que, por trás dos resultados positivos, não está o bom desempenho da economia e das pessoas, não está o esforço de ambos, está sim a malandragem dos empresários.

Como já escrevi nesta coluna, do ponto de vista económico, este é ainda hoje o nosso maior bloqueio. É o nosso maior travão, porque é cultural e porque dele nascem vários obstáculos e muitos problemas. Estou a pensar concretamente na pressão tributária sobre as empresas, mas também sobre as pessoas. O Estado encontra neste preconceito a justificação necessária para lançar todo o género e feitio de impostos e taxas, tornando até o que é extraordinário – por exemplo, as contribuições especiais nascidas durante o período da *troika* para socorrer o país – em taxas e impostos definitivos.

Não é preciso ser-se liberal para reconhecer que este abuso é não apenas injustificado, como gera consequências negativas para o país inteiro: por um lado, viola a confiança entre o Estado e os contribuintes – o que encontra justificação temporária, não tem razão de ser quando se mantém para todo o sempre; por outro lado, sujeita as empresas a um grau de pressão fiscal desmesurado num país que se destaca, entre os seus parceiros europeus, por ser o *Camisola Amarela* dos impostos.

Naturalmente, este excesso, firmemente ancorado numa espécie de moralismo ideológico, prejudica o investimento e a evolução salarial, dois factos reiteradamente comprovados, além de alimentar um Estado pesado e ineficiente. A elevada presença, nalguns casos a quase omnipresença, do braço público na economia provoca constrangimentos às famílias e às empresas… porque este mesmo Estado não tem revelado capacidade para gerir adequadamente o dinheiro dos portugueses.

Isto não significa que eu negue a existência de problemas, designadamente a necessidade de subir os salários, embora progressivamente. Sublinho, no entanto, que não é sério negar que isso tem acontecido e não apenas no que diz respeito ao salário mínimo. Todos os organismos internacionais o comprovam, apesar de a nossa produtividade arrastar os pés e ficar muito atrás dos países mais competitivos.

Não tenho qualquer dúvida de que os lucros devem ser saudados e compreendidos, ou seja, têm de ser contextualizados (explicados) para não serem demonizados. E também defendo que lucros trazem às empresas uma responsabilidade social acrescida, mas também a oportunidade de poderem investir e competir pelos melhores profissionais.

A maré quando sobe tem de subir para todos. O caminho é este.

“A elevada presença, nalguns casos a quase omnipresença, do braço público na economia provoca constrangimentos às famílias e às empresas.”

Presidente da CIP



Opinião
Paulo Guinote

A escola iliberal

Há um tema que os muitos comentadores e decisores em matéria de Educação evitam, porque expõe de forma evidente a sua hipocrisia acerca de um paradoxo insanável: afirmam as escolas como o *locus* da formação dos futuros cidadãos de uma sociedade democrática e liberal, mas defendem uma forma única de gestão escolar, que é a sua contradição quotidiana prática.

Misturando conceitos, baralhando argumentos, temos uma forte defesa do modelo que existe, resultante da formulação do Decreto-Lei n.º 137/2012, de 2 de julho, o qual reduz as possibilidades de organização interna das escolas a um único modelo, o que, por definição, é a antítese de um sistema “liberal”. Afirma-se a importância e necessidade de uma formação humanista e integral dos indivíduos, mas considera-se que as escolas devem ser geridas à imagem de uma empresa, importando-se termos lustrosos, mas desprovidos de especial substância quando devidamente analisados, como *accountability*, *stakeholders* para justificar o que é apenas um modelo fechado, rígido, hierárquico, baseado na obediência à(s) chefia(s), em que a nomeação *top down* precede qualquer reconhecimento do mérito pelos mais directos interessados, em que não existe praticamente nenhuma instância de eleição aberta, ou seja, por definição, um exemplo de “iliberalismo”.

Este modelo de gestão escolar surgiu a par de uma “reorganização” da rede escolar que levou à constituição dos chamados “mega-agrupamentos”, assentes numa concentração vertical de escolas, motivada pelo desejo de fazer poupanças de escala. Poupanças que levaram à centralização dos Serviços Administrativos na chamada “escola-sede”, com todas as desvantagens associadas a esse modelo, quer para o pessoal de apoio administrativo, quer para os encarregados de educação, obrigados a deslocar-se todos a um único “centro de operações”.

Claro que os beneficiários do modelo o afirmam o melhor possível, mas tudo fazem para que isso não seja aferido ou que seja sequer aberta a possibilidade de alternativas, o que, por acaso, até contraria um inútil n.º do artigo 4.º do decreto acima referido, que admite a “diversidade de soluções organizativas”, mas não a do modelo unipessoal.

Repare-se que o director (uso o masculino por comodidade) é escolhido de forma uninominal por um Conselho Geral (formado como uma Câmara Corporativa, com elementos escolhidos por diferentes “corpos” e outros cooptados) de que faz parte como observador. Director que escolhe os elementos da sua direcção, sem os ter apresentado durante a candidatura, que preside ao Conselho Pedagógico e ao Conselho Administrativo. Director que coordena a avaliação de desempenho dos docentes, incluindo aqueles que, no Conselho Geral, são, em parte, responsáveis pela sua escolha ou recondução. Que tem o direito de avaliar os docentes no “topo da carreira”, mesmo que esteja bem abaixo nessa mesma carreira.

Director que designa os três elementos que podem ser escolhidos como Coordenadores de Departamento e nomeia todas as lideranças intermédias que têm assento no Conselho Pedagógico. Director que tem uma limitação teórica de quatro mandatos (duas escolhas e duas reconduções), mas que viu todos os mandatos anteriores a 2012 serem “limpos”, permitindo que ficasse no cargo duas e três décadas.

Se isto não é uma demonstração clara de iliberalismo, mesmo que baptizado como “democrático”, dificilmente o encontraremos em qualquer outro lado.

Professor do Ensino Básico.
Escreve sem aplicação do novo Acordo Ortográfico.



Opinião
Constantino Sakellarides

Políticas de Saúde 2024 (III): Serviço Nacional de Saúde das pessoas

O Serviço Nacional de Saúde (SNS) não é uma organização como qualquer outra. Porque incorpora uma dimensão ética, a da inclusão, e outra afetiva, a da pertença – é nosso, património comum dos portugueses. Como alguém escreveu: "O SNS não é mais que a extensão da nossa cidadania e exprime uma genuína preocupação de uns pelos outros." A sua evolução depende, entre outras coisas, do comportamento e capacidades daqueles que escolhemos para nos representarem. No Parlamento, no Governo, nas autarquias, nas organizações cívicas e profissionais.

1. Da legítima ambição à imperfeita execução... a longa marcha, universal, para o desenvolvimento dos Sistemas de Saúde.
Para que o SNS seja das pessoas, estas têm de reconhecer os seus êxitos e compreender as causas das suas imperfeições. Para que contribuam ativamente para a sua contínua superação. As limitações reconhecidas incluem aspetos circunstanciais, desde incompetências e conflitos vários até incidentes políticos diversos. Mas também realidades mais estruturais, como modelos de governação ultrapassados, limitações financeiras associadas ao grau de desenvolvimento económico do país, *deficits* enraizados de participação democrática e realidades internacionais desfavoráveis.

O Sistema de Saúde não paira, como uma ilha etérea, levitando acima do mundo real. É fantasiosa a ideia de que o SNS pode ser substituído, com proveito, por um qualquer "enxerto de Sistema de Saúde", importado diretamente de um outro país, estruturalmente distante do nosso. O Sistema de Saúde de cada país resulta das especificidades da sua evolução histórica. Há que o aperfeiçoar contínua e persistentemente.

Não há enxertos milagrosos.

2. Importância da soberania de proximidade.
As "Unidades Locais de Saúde", recentemente implementadas, não são, maioritariamente, unidades locais. São antes Administrações de Saúde, sub-regionais. Se lhes for concedida a necessária autonomia de decisão, que as Administrações Regionais nunca tiveram, esta pode ser uma reforma positiva – por levar decisões significativas para mais perto das pessoas.

Mas a soberania de proximidade decide-se "mais abaixo", nas comunidades locais. Nos centros de saúde e nos hospitais que os apoiam. Nas unidades funcionais contratualizadas pelo seu desempenho, que se articulam entre si em função das necessidades das pessoas. Sensíveis ao que estas pensam e precisam, aprendendo continuamente com a experiência e seus resultados – elaborando "estratégias locais de Saúde" para a promoção da saúde da comunidade. Sem esquecer inquéritos sistemáticos sobre a satisfação dos utilizadores do SNS, como é já de uso em muitas outras organizações.

Aqui se situam os verdadeiros centros de gravidade de uma soberania de proximidade. Cabe às novas Administrações promover essa soberania local. Não a constranger.

Somar, não subtrair, nem apagar.

3. Informação de Saúde e cidadania.
Os Registos de Saúde Eletrónicos (RSE) foram prometidos há 17 anos. Preveem-se, agora, para daqui a um ano. Boa notícia. São dispositivos digitais que permitem às pessoas disporem da sua informação de saúde, seja qual for a sua origem, e disponibilizá-la aos seus cuidadores quando o desejarem fazer. Têm vantagens óbvias. No entanto, para contribuírem efetivamente para a centralidade das pessoas no Sistema de Saúde, este dispositivo digital não é suficiente. São indispensáveis "planos individuais de cuidados", que promovam compromissos concretos – um "contrato" – entre as pessoas e os seus múltiplos cuidadores, negociados e continuamente avaliados quanto à realização dos objetivos acordados. Permitem a gestão inteligente e oportuna do percurso das pessoas através dos serviços de que necessitam, ajudando à integração dos cuidados. Requerem literacia em Saúde focada nas necessidades de cada pessoa. Convidam à ativação da lei relativa à *Carta para a Participação Pública em Saúde*, aprovada pela Assembleia da República em 2019 e esquecida até hoje.

O RSE, por si só, não chega.

> "O Sistema de Saúde não paira, como uma ilha etérea, levitando acima do mundo real. É fantasiosa a ideia de que o SNS pode ser substituído, com proveito, por um qualquer "enxerto de Sistema de Saúde", importado diretamente de um outro país, estruturalmente distante do nosso."

4. Da necessidade de novos processos e instrumentos de governação que promovam a centralidade das pessoas.
No âmbito dos debates recentemente promovidos pela Fundação para a Saúde inclui-se a questão da governação e governança na Saúde. Da análise das dificuldades óbvias em promover as necessárias transformações no SNS, resultou a proposta de 10 princípios para a boa governação e governança na Saúde (já divulgados). Estes incluem, passar **(a)** da discussão dos recursos da Saúde para a dos resultados esperados com esses recursos, **(b)** da lógica do imediato para dispositivos de análise, planeamento e direção estratégica que antecipem o futuro, **(c)** da governação fragmentária, "*dossier* a *dossier*", para respostas sistémicas que abarquem o conjunto das necessidades das pessoas, **(d)** da gestão hierárquica da informação para a promoção de uma inteligência distribuída e colaborativa... Esta é uma reflexão essencial. Muito bem recebida por todos aqueles que têm participado no debate desta temática. Mas, desde há muito, ignorada pelo "sistema político" português. Até quando?

5. Dos riscos das limitações dos processos de governação.
Os factos subjacentes a notícias recentes, como "Novas regras atrasam a contratação de médicos", afetam a efetividade do SNS – como explicado por líderes associativos, conhecedores do terreno: atrasos que aumentam o risco de os profissionais não ficarem no SNS; novas regras que obrigam os muitos profissionais destacados para os concursos a ficarem indisponíveis para a prestação de cuidados de saúde; candidatos insatisfeitos por não conhecerem exatamente o local onde ficariam colocados.

Tudo o que seria de evitar. Especialmente quando a prioridade é atrair profissionais para o SNS e melhorar o acesso aos cuidados de saúde.

Fundação para a Saúde

O Liu Bao é um chá preto, originário da cidade de Liu Pao, na Província de Guangxi – uma região autónoma no sul da China, situada junto à fronteira com o Vietname. Este chá é fermentado e envelhecido em cestos, o que lhe confere um sabor forte e distinto, além de ser reconhecido pela forma como auxilia na digestão e traz benefícios à saúde, como a redução da tensão arterial. Um chá tradicional chinês que, para os apreciadores, pode ser bebido tanto antes, como durante ou depois das refeições.

Pelas origens do tradicional (e benéfico) chá Liu Bao

FOTOGRAFIA **REINALDO RODRIGUES / GLOBAL IMAGENS**










茶
chinese
人生如茶 / 静心以待
六堡茶
六堡长群山





Questionário de Proust do ChatGPT

Pedimos ao ChatGPT: "Faz-nos um questionário de Proust para podermos publicar no nosso jornal." Só que o que ele nos apresentou era muito semelhante ao original, de Proust. Então dissemos: "Dá-nos um mais divertido." O resultado foi este.

Manuel Andrade Escritor e editor

"Se pudesse inventava um 'queselixómetro' – por vezes dava um jeito do caraças!"

Se pudesse ter um qualquer superpoder, qual escolheria e porquê?
A capacidade de evasão ou invisibilidade. Às vezes fazem cá uma faltinha…

Qual é o seu filme ou série de TV favorito para assistir numa maratona?
Já assisti, tantas vezes, ao *As Asas do Desejo*, do Wim Wenders, que poderia construir com ele uma longa série, ou então, série, série mesmo, a poderosa *Peaky Blinders*.

Qual é a comida mais estranha que já experimentou?
Talvez o Butelo com Cascas.

Se pudesse viajar para qualquer lugar no tempo, para onde e quando iria?
Iria assistir ao momento em que o Miguel Ângelo pintasse a Capela Sistina, como quem presenciasse o momento mais inspirado e belo de um ser humano.

Se fosse uma personagem de desenho animado, quem seria?
Claramente o Tintim: a vida como uma permanente aventura.

Qual foi a dança mais embaraçosa que já fez?
Daquelas com coreografia que se fazem em algumas festas, pois sou um completo descoordenado de movimentos.

Se pudesse trocar de vida com qualquer pessoa por um dia, quem escolheria?
O Leonard Cohen (quando vivo, obviamente) para poder pisar o palco na pele dele por uma noite e cantar o *Dance Me to the End of Love*, com aqueles cenários clássicos e aquelas luzes azulonas sobre o preto que ele usava como fundo.

Qual é a música que sempre o faz dançar, não importa onde esteja?



DIREITOS RESERVADOS

As mais animadas dos Gipsy Kings.

Se tivesse de viver num filme, qual escolheria e por quê?
No *As Pontes de Madison County*, para ter o viver poético e enamorado do Robert Kincaid, ou no *Perfume de Mulher*, para viver insanamente todos os prazeres num dia em fim de vida como o tenente-coronel Frank Slade.

Qual foi o presente mais estranho ou engraçado que já recebeu?
Talvez uma peça bojuda de barro, representando um psicólogo, que a minha mãe me ofereceu quando eu ainda exercia essa profissão.

Se fosse um animal, qual seria e porquê?
Sem dúvida uma águia-real para ter a mais aérea visão do mundo e mudar em centenas de quilómetros o meu horizonte, sempre que me apetecesse.

Qual é a sobremesa favorita, que nunca recusaria?
Há algumas: quase todas as que incluem chocolate.

Se pudesse criar um feriado, qual seria e como seria comemorado?
O feriado sem razão: ter direito a gozar intensamente um dia, sem nenhuma razão em particular.

Qual é o seu *hobby* mais estranho ou incomum?
Não sei se será estranho ou incomum, mas preciso de gozar a fundo as festas populares de verão e bater o pezinho em algumas delas, talvez como antidepressivo.

Se pudesse ter qualquer celebridade como seu melhor amigo, quem escolheria?
Talvez o José Mourinho: deve ser um tipo bastante positivo, inspirador e motivador.

Qual é a piada mais engraçada que conhece?
Dois espanhóis encontram-se: *Hola, que tal, estás bien? Estoy mal, mi padre se a muerto. Murió? De qué murió tu padre? De fiebre amarilla… Amarilla?! Qué bonita color!!!*

Se pudesse falar com qualquer animal, qual seria e o que perguntaria?
Claramente com os cães para lhes perguntar como se pode ser tão bom, tão inocente, gozar de tanto encantamento com as mais pequenas coisas e desfrutar tanto a vida em cada pormenor.

Qual é o seu talento oculto que poucas pessoas conhecem?
Jogava muito bem *snooker*. Estou certo de que, se o meu pai me tivesse autorizado a inscrever-me num clube quando era miúdo, teria ido muito longe.

Se fosse uma cor, qual seria e porquê?
Azul, tal qual como o céu e como a cor do meu segundo clube (o primeiro é o Tirsense, mas o preto é a mais triste das cores)

Qual é a palavra que mais gosta de dizer e porquê?
Deslembrado, uso-a muitas vezes nos meus livros. E indizível. Ambas têm uma sonoridade que me agrada e acho-as poeticamente arcaicas e em desuso.

Se pudesse inventar qualquer coisa, o que seria?
Um "queselixómetro" – por vezes dava um jeito do caraças!

Qual é a coisa mais ridícula que já comprou?
Perucas, quando era miúdo: queria imitar o meu avô Avelino "Pêssego" que foi um grande ator de teatro local.

Se tivesse de comer apenas uma comida para o resto da vida, qual seria?
Qualquer coisinha leve, tipo Cozido à portuguesa ou tripas à moda do Porto.

Qual é a sua memória de infância mais engraçada?
Como nasci numa aldeia, um episódio em que fui com os amigos furtar uvas e fomos apanhados pelo feitor da quinta: com a precipitação da fuga, dois de nós ficámos presos pelas calças nos arames da ramada.

Se fosse um meme, qual seria?
Gostaria de ser aquele que chora de tanto rir.

Qual seria o título da sua autobiografia?
Era Bom, Mas Acabou-se.

Se pudesse ser uma personagem de videojogo, quem seria?
A boquinha comilona do Pacman: uma vidinha de papo cheio.

Qual é o seu trocadilho ou piada de favorito?
As iludências aparudem.

Se pudesse ser invisível por um dia, o que faria?
Com este espírito imaginativo que tenho, nem é bom esmiuçar…

Qual foi a coisa mais inesperada que aprendeu recentemente?
Que aquelas coisas que se podem instalar nos telemóveis para ler códigos de barras, pagar estacionamentos, etc., podem afinal ser mesmo necessárias.



Joaquim Miranda Sarmento, ministro das Finanças.

REINALDO RODRIGUES / GLOBAL IMAGENS

Finanças cortam a fundo no défice do Estado previsto para este ano

ORÇAMENTO Valor da unidade de tesouraria planeada por Sarmento triplicou: valia mil milhões de euros, agora subiu para 3,1 mil milhões de euros em fundos adicionais em 2024.

TEXTO **LUÍS REIS RIBEIRO**

O défice do Estado previsto para este ano, a principal componente das contas das Administrações Públicas, foi revisto em forte baixa pelo Ministério das Finanças, do ministro Joaquim Miranda Sarmento, o que contrasta com a narrativa de dramatização que tem sido conduzida por este Governo em relação à situação das contas públicas.

De acordo com um documento que a agência que gere a dívida pública (IGCP) apresentou em julho aos credores e investidores estrangeiros, o défice estatal previsto para 2024 levou um corte profundo, superior a 30%, descendo mais de 5,2 mil milhões de euros para apenas 3,6 mil milhões de euros. Um desbaste de 1,6 mil milhões de euros.

Aquele défice do Estado de 5,2 mil milhões era uma meta que já vinha do anterior Governo do PS, tendo sido mantida pelo atual Executivo até agora.

Se aquele corte de 1,6 mil milhões se concretizar e mais nenhuma subconta do Orçamento do Estado (OE) se modificar, significa que a meta de défice global anual de 1,6 mil milhões de euros assumida na execução orçamental passa a ser um saldo totalmente equilibrado (zero).

Além do subsetor Estado, as contas públicas contam com mais três subsetores que, no seu conjunto, perfazem as Administrações Públicas (AP): são eles os chamados Serviços e Fundos Autónomos (onde estão os institutos e as empresas públicas, por exemplo), a Administração Local e Regional (as contas das autarquias e das duas Regiões Autónoma da Madeira e dos Açores), mais o enorme subsistema da Segurança Social.

Só para se ter uma ideia, mesmo no ano passado, ano de excedente orçamental histórico, em contabilidade de caixa, o Estado costuma ser sempre deficitário – no ano passado esse défice rondou 200 milhões de euros. Os outros três setores registaram todos eles excedentários e mais do que cobriram aquele défice estatal, tendo gerado um saldo positivo final das contas de 2023 de 7,6 mil milhões de euros, segundo a Conta Geral do Estado.

> Se corte previsto de 1,6 mil milhões se concretizar, significa que a meta de défice global anual de 1,6 mil milhões de euros assumida na execução orçamental passa a ser um saldo totalmente equilibrado (zero).

Para este ano, Sarmento está a tentar ensaiar o mesmo, até porque já se comprometeu em chegar a um excedente final (em contas nacionais, as que valem para Bruxelas e na avaliação do cumprimento do novo Pacto de Estabilidade). O objetivo do atual Governo para este ano é chegar a um saldo positivo equivalente a 0,3% do Produto Interno Bruto (PIB).

Para já, este corte a fundo no défice do Estado tem um efeito imediato: ele ajuda a reduzir as necessidades de financiamento brutas do ano que, na nova versão do IGCP, que é tutelado por Miranda Sarmento, caem de 20,4 para 15,9 mil milhões de euros.

A pressão para ir aos mercados também se reduz. Segundo o novo documento da agência, o chamado financiamento de mercado e oficial (onde estão Obrigações e Bilhetes do Tesouro, empréstimos do PRR – Plano de Recuperação e Resiliência, outros instrumentos de dívida de retalho, como Certificados de Aforro) cai dos 21,1 mil milhões de euros previstos nos documentos do Tesouro até junho, para 16,7 mil milhões de euros.

É o Governo a mostrar aos investidores externos que está confortável e que depende menos dos mercados, uma forma de transmitir sinais que ajudem a conter os prémios de risco e eventuais subidas de taxas de juro, por exemplo.

Além disso, segundo a nova apresentação, o Estado está a indicar que consegue financiar-se mais internamente, indo buscar mais fundos de Tesouraria dispersos por serviços e entidades públicas por via do mecanismo da "conta de unidade de tesouraria" do Estado. Por esta via, a meta para o valor agregado de verbas em caixa mais do que triplicou: era mil milhões de euros, agora subiu para 3,1 mil milhões de euros em fundos adicionais em 2024, uma preciosa ajuda para poder prescindir de idas aos mercados.

É importante ter esta margem de segurança pois, como o Dinheiro Vivo já noticiou, a taxa de juro efetiva e ponderada das novas emissões de títulos (dívida nova) tinha atingido um máximo em 2023 (3,5%), mas desde janeiro a abril até aliviou para 3,2%. Problema: desde então que voltou a agravar-se, estando outra vez perto daquele pico, nos 3,4%.

Outro fator de menor pressão sinalizado agora pela tutela de Miranda Sarmento é que, ao nível do setor empresarial do Estado, deverá haver também menores necessidades de financiamento e de capitalização. No OE original herdado dos socialistas estava previsto gastar-se 6,6 mil milhões de euros nas chamas "aquisições líquidas de ativos financeiros", rubrica onde se inclui o "refinanciamento de outras entidades públicas, como empresas públicas". Esse valor anual previsto caiu abruptamente (mais de 40%) para 3,8 mil milhões de euros no final de 2024, ficando assim em linha com o que foi executado (gasto) em 2022 e 2023.

Dennis Redmont

“Eu dizia que nem Biden, nem Trump iam chegar à meta. E ainda é possível”

EUA Antigo correspondente da Associated Press em Portugal, profundo conhecedor do nosso país e dos seus EUA natais, Dennis Redmont fala ao DN das “três semanas sísmicas” que mudaram a corrida à Casa Branca, com o tiro contra Trump, a desistência de Biden e a candidatura de Kamala. E acredita que, seja quem for o próximo presidente, a força da América é “a descentralização” e o velho “sonho americano”.

ENTREVISTA **HELENA TECEDEIRO** FOTOS **PAULO SPRANGER / GLOBAL IMAGENS**



A desistência de Joe Biden e a candidatura de Kamala Harris, vieram mudar a dinâmica destas Presidenciais americanas. Será suficiente para os democratas vencerem? Pelo menos parece ter destabilizado Trump...
Eu chamo a estas semanas as três semanas sísmicas da eleição americana. Porque neste tempo houve o comício em que Trump foi baleado, houve a desistência de Biden, houve a candidatura de Kamala, e de J.D. Vance [para vice de Trump], e agora, parece que [amanhã] vamos conhecer o vice-presidente de Kamala. Ninguém imaginava…, eu pessoalmente, quando as pessoas me perguntavam há seis meses – visto que eu tinha sempre feito a previsão certa, inclusive com Trump, inclusive com Obama – eu dizia que nenhum dos dois [Biden e Trump] ia chegar à meta. E ainda é possível.

Ainda acredita que Trump também não chega às Presidenciais?
Ainda é possível que Trump não chegue lá. E quase tive razão com o tiro na Pensilvânia. Mas é possível ainda, porque Trump é imprevisível e, portanto, pode haver um cenário em que ele desiste, com um acordo para não ir para a prisão. Pode ser um *coup de théâtre*. Mas a pergunta era se esta onda é suficiente. E a onda é suficiente se for regular, como nas ondas do *surf*. O que surpreendeu todos foi a organização das mulheres – afro-americanas, indianas, brancas, todas – que conseguiram mudar a marca de Kamala em três horas. Foi uma equipa só de mulheres. Depois fizeram um Zoom com 140 mil, 160 mil mulheres.

Esse foi o das *cat ladies*?
Não foi o dos *cat ladies*. Mas também houve a reação das *cat ladies* [em resposta às críticas de J.D. Vance às “*childless cat ladies*” [as “senhoras dos gatos sem filhos” democratas]. Portanto, houve essa reação, bem como o facto de as mulheres afro-americanas terem feito um desafio às mulheres brancas para fazerem um Zoom, também houve os “Homens por Kamala”, e depois começaram os *fundraisers* a operar. Portanto, depende se a onda consegue manter-se, porque são três meses até às eleições e pode acontecer muita coisa. Agora, eu acho que estes três meses estão bastante bem delineados. Biden vai tratar do legado, da sua herança. Já começou. Com a troca de reféns [com a Rússia] mostrou quanto é importante trabalhar com os Aliados. É muito interessante, porque conseguiu mobilizar a Eslovénia, Noruega, Turquia e muitas outras nações e, sobretudo, a Alemanha, que era muito reticente. Ele conseguiu resolver um quebra-cabeças. Portanto, Biden vai tratar da herança – vai tratar da economia, vai tratar da política externa, vai tratar das grandes linhas –, enquanto Kamala faz a campanha eleitoral. Essa é a divisão de tarefas. O problema dos republicanos é que não sabem onde atacar. Atacar Biden já não vale a pena. Para atacar Kamala, têm um problema. Viu-se há dias, com Trump a questionar se afinal ela é afro-americana ou é indiana? Isto é uma espécie de código para dizer que Kamala não é branca. Portanto, a segunda leitura de todas estas questões é o tema racial. Sempre foi ao longo da História dos Estados Unidos. Trump olha para duas coisas, ele olha para as sondagens e olha para o que pode ganhar com uma situação. E até já desmentiu o seu vice-presidente, disse que este não é assim tão importante. Uma atitude destas, tão rápida, da parte de um candidato à Presidência, a puxar para baixo o seu vice, eu nunca vi. É uma coisa sem precedentes para mim.

“Estes três meses estão bastante bem delineados. Biden vai tratar do legado, da sua herança. Já começou. Com a troca de reféns [com a Rússia] mostrou quanto é importante trabalhar com os aliados.”

Acha que ele já se arrependeu de ter escolhido J.D. Vance. É demasiado parecido com ele?
É parecido, é uma espécie de versão 2.0 de Trump. Ele pode arrepender-se, mas vai sempre ter este problema com o vice-presidente, sempre o teve com [Mike] Pence. Mas o que eu vi, há pouco tempo, quando estive nos EUA, foi a retórica de Trump e como os americanos sabem muito bem o que ele acha importante. Um tema é a imigração. Ele faz uma equação: imigração é igual a crime. Mas esta é uma equação que não funciona, porque as pessoas sabem que os imigrantes costumam ser mais trabalhadores do que os outros. Nos EUA, o mais provável é que os brancos, em 2044, já sejam uma minoria. E, portanto, o medo dessa onda de diminuição das pessoas de origem branca é uma coisa que atravessa todas as considerações de Trump sobre o futuro. Trump tenta consolidar o apoio de uma parte da população que tem medo da chegada não só dos afro-americanos, mas também dos indianos. Nos últimos 20



"O problema dos republicanos é que não sabem onde atacar. Atacar Biden já não vale a pena. Para atacar Kamala, têm um problema. Viu-se há dias, com Trump a questionar se afinal ela é afro-americana ou é indiana?"

anos, quatro milhões de imigrantes da Índia chegaram aos EUA. Eles dominam entre os engenheiros da Silicon Valley. E é interessante que, ganhe um candidato ou o outro, haverá sempre uma componente indiana, porque Kamala é de origem indiana e jamaicana e J.D. Vance é casado com uma indiana. Muitas das empresas da Silicon Valley, a Microsoft e outras, têm CEO de origem indiana. O que é que acontece? A nível das escolas, até dos liceus, os estudantes indianos trabalham muito mais diligentemente do que os brancos. E têm resultados académicos ótimos. É o caso também da mulher do J.D. Vance, que estudou em Yale, trabalhou para dois juízes do Supremo Tribunal, trabalhou num grande gabinete de advogados. Mas Trump tem de instigar esse medo das pessoas de cor nos americanos. Nos comícios, ele tem pouquíssimos afro-americanos. E quando foi a uma conferência de jornalistas afro-americanos, escapou às perguntas. Portanto, a questão dos imigrantes, a questão da cor, a questão racial, o medo da diminuição dos brancos, é a primeira coisa que os americanos sabem que faz parte do discurso de Trump, que diz que quer regular a entrada dos imigrantes. A segunda coisa é a economia. E aí ele garante que os americanos estavam muito bem durante a sua Presidência, mas não é verdade, porque houve o período da covid e a economia foi

"A questão dos imigrantes, a questão da cor, a questão racial, o medo da diminuição dos brancos, é a primeira coisa que os americanos sabem que faz parte do discurso de Trump."

para baixo. O que aconteceu depois e durante a Presidência Biden foi que muitos americanos utilizaram os fundos que tinham amealhado durante a Presidência Trump. Durante a covid, Trump mandou dois cheques aos americanos, uma espécie de subsídio. Esse dinheiro entrou na economia, as pessoas gastaram mais e, explicado de maneira simples, houve um excesso de dinheiro, o que causou uma inflação muito grande. Tanto que muitos americanos sentem que os preços nos supermercados aumentaram muito. Agora, a inflação está a diminuir bastante, mas o americano olha para duas coisas: o preço no supermercado e o preço da gasolina. Só essas duas coisas é que lhes interessa. Se essas duas coisas estão altas, se o galão de gasolina vai além dos três dólares, o americano começa a ficar chateado. Mas a economia continuou a funcionar, apesar da inflação. Nos EUA, durante a carreira laboral, o empregado deduz 10% do ordenado, que põe num fundo, e a empresa deduz 5%. Portanto, esses 15% ficam nesse fundo até a pessoa se reformar ou até comprar uma casa, ou algo assim importante. E ficam ali bloqueados, sem pagar impostos. Esses fundos estão cheios de dinheiro. Portanto, a ilusão de que a vida está mais difícil, é verdade, mas há economias, e a Bolsa nunca esteve tão alta. O terceiro tema de Trump são as *forever wars*. O desafio de Trump é dizer: "Durante a minha Presidência não haverá guerras." Por isso faz-se amigo do Putin. Essas três coisas, apesar de todo o *show* que ele faz, as pessoas percebem que são a moral de Trump. E a pergunta é: Kamala, com essa nova onda, é capaz de mudar o discurso? É possível. Mas só vamos saber isso, eu acho, nos últimos dias da campanha. Mas nos Estados Unidos pode votar-se com muita antecipação, pode-se votar até um mês antes das eleições.

Portanto, a decisão pode não ser só nos últimos dias, há quem já tenha votado bastante antes.

Exatamente, essa é uma coisa que os europeus talvez não compreendam, é que em alguns Estados pode-se votar muito cedo. E os próprios republicanos, sabendo que é um perigo, antes pediam aos eleitores para só votarem no último dia, no dia da eleição. Agora mudaram de ideias, porque viram que era uma estratégia que podia ser um *boomerang*. As ideias de Kamala vão ser, pouco a pouco, expressas. Por enquanto, ela está a apresentar-se ao público, e, para uma campanha organizada no último minuto, está com boa pinta, muito melhor do que um Biden cansado e velho.

Já falou, há pouco, do vice de Kamala e de como amanhã este deverá ser apresentado...

Sobre o vice, parece que será um homem mais jovem e um homem de um Estado-chave. Ora há dois Estados-chave e dois homens a estar atentos. Um é Mark Kelly, que foi astronauta, que passou 25 anos na Marinha, que é uma espécie de figura nacional, casado com [a ex-congressista Gabrielle Giffords], que foi ferida com uma arma de fogo. O segundo nome que está em grande subida e que tem o apoio de Michael Bloomberg, que foi presidente da Câmara de Nova Iorque, é Josh Shapiro, governador da Pensilvânia. Este é um Estado-chave que vale 19 votos [no Colégio Eleitoral], é o Estado onde Trump foi ferido, é o Estado onde houve uma grande mudança na indústria, o Estado que ele está a transformar. Shapiro é muito eficiente, transmite mensagens claras, reconstruiu o Estado, trabalhou com os republicanos e é muito ativo. Outra coisa interessante é que ele é judeu, como o marido de Kamala. Se for Shapiro o vice, haverá uma grande discussão sobre religião nos próximos três meses. A discussão poderá mudar-se para uma questão religiosa mais do que a questão racial. Todos os analistas dizem que não é possível ter uma afro-americana ou um judeu [no *Ticket*]. Mas Kamala é casada com um judeu e, portanto, acho que os americanos já digeriram o facto de terem uma vice-presidente com uma costela hebraica. Última coisa: amanhã, a

continua na página seguinte »

» continuação da página anterior

apresentação vai ser num comício na Pensilvânia. Portanto, ficarei muito surpreendido se não for Shapiro a escolha.

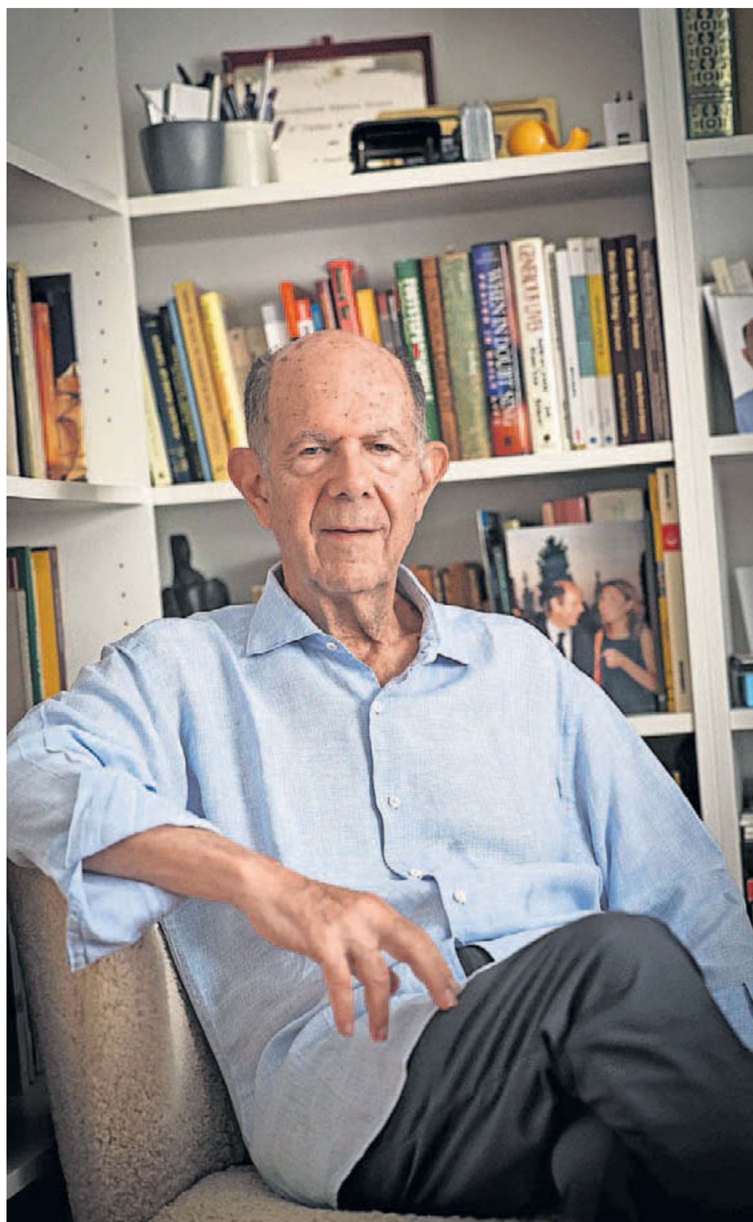
Como disse, o marido de Kamala é judeu, o seu vice talvez também seja, mas uma das diferenças entre Kamala e Biden é a posição sobre o conflito israelo-palestiniano. Apesar de ter reafirmado o apoio a Israel no encontro que teve com Benjamin Netanyahu, Kamala é mais crítica da atuação de Israel e mais veemente na denúncia do sofrimento dos palestinianos. Isso pode ter também um efeito positivo para os democratas nestas eleições, sobretudo depois dos protestos pró-Palestina que houve nas universidades?

Depende muito do que acontecer no exterior, acho eu. Porque nestas três semanas sísmicas, não podemos esquecer que houve dois assassínios [de um líder do Hezbollah e de um líder do Hamas]. E sabemos que, quando há um momento de tensão como este, não é de excluir que alguns grupos islâmicos tomem americanos como alvo. Não podemos também esquecer, e fala-se disso regularmente, que os reféns [em Gaza], se ainda estão vivos, incluem vários americanos, pessoas com dois passaportes, israelita e americano. Portanto, a política americana em relação a Israel não vai mudar no que diz respeito ao apoio. Mesmo quando houve a transição de Trump para Biden, a Embaixada dos EUA continuou em Jerusalém, por exemplo. Uma das causas do ataque de 7 de outubro é que se estava na véspera de um acordo mais amplo com a Arábia Saudita. A minha resposta, portanto, é que depende dos acontecimentos externos, mais do que dos internos.

Muitos, na Europa, não escondem o receio de ver Trump voltar à Presidência. Se isso acontecer, é de esperar que ele faça mesmo aquilo que ameaça – desde sair da NATO até cortar na ajuda à Ucrânia? Ou, na Presidência, poderá ser menos radical, digamos assim?

Bom, ele sempre foi menos radical do que se pronunciou. Não há dúvida de que ele sabe, como Biden sabe, que a América não pode ter uma guerra em três frentes: a Ucrânia, o Médio Oriente e a China. Não é possível sustentar três guerras, mesmo que o envolvimento dos EUA seja em medidas diferentes. É por isso que Trump e J.D. Vance são campeões do recuo no apoio à Ucrânia. Os europeus sabem muito bem que essa é uma possibilidade e o próprio Vance disse numa entrevista que a Europa não tem o desenvolvimento industrial para aumentar a sua Defesa. Os europeus precisam realmente investir e Trump colocou esse desafio ao reforçar o medo dos europeus. O que tanto poderá acontecer numa Presidência Trump, como numa Presidência dos democratas é um congelamento das fronteiras da Ucrânia, um pouco ao estilo das Coreias ou de Chipre. Ninguém ganha, o conflito é congelado. Acho que, seja um ou outro a vencer, estamos a caminhar para isso, porque os americanos não querem uma guerra em três frentes. Os europeus também se deram conta de que não querem que os filhos vão para a guerra – com exceção talvez dos países bálticos e da Polónia. A indústria da Defesa da Europa não está pronta para isso, então a única coisa a fazer é negociar. O problema é quanto e o que negociar.

> *"O que tanto poderá acontecer numa Presidência Trump, como numa Presidência dos democratas é um congelamento das fronteiras da Ucrânia, um pouco ao estilo das Coreias ou de Chipre. Ninguém ganha, o conflito é congelado. Acho que, seja um ou outro a vencer, estamos a caminhar para isso, porque os americanos não querem uma guerra em três frentes."*



Esta é uma ameaça de Trump. A outra é o aumento das tarifas. O que ele não calcula, ou não quer calcular, é a consequência que isso teria sobre a inflação nos EUA. Os americanos estão habituados aos queijos franceses, ao vinho italiano, ao azeite espanhol e, se as tarifas subirem, isso vai causar inflação. Portanto, Trump pode defender estas medidas, mas no final ele vai olhar para a economia e vai ter de reconsiderar, dependendo também de quem ele trouxer para a sua equipa económica. Outra coisa importante na campanha de Trump, nos últimos dias, tem sido o papel das empresas tecnológicas e de Silicon Valley. Houve um apoio da parte de Silicon Valley a Trump bastante intenso, e sobretudo dos investidores em criptomoeda. No outro dia li um número impressionante e que vai provavelmente obrigar os democratas a reajustar um pouco a sua estratégia: dizia que 40 milhões de americanos têm investimentos em criptomoeda. E Trump já se pronunciou a favor, apesar de nem saber o que é ou como funciona. As pessoas não se dão conta da dimensão que este mundo tem. E o próprio Silicon Valley, através de um dos seus *tycoons*, está a dar apoio a J.D. Vance. É ele quem está a gerir toda aquela área para Trump. Portanto, o efeito de Silicon Valley, como se pronuncia, e como vai contribuir para a economia, é uma outra coisa a ter em conta.

Seja qual for o próximo presidente, vai ter de liderar um país profundamente dividido. O Dennis já viu a América passar por tempos muito conturbados no passado e ultrapassá-los – o país é mais forte e resiliente do que o seu líder, seja ele qual for?

Pergunta difícil. Porque a força da América é a descentralização. Os países europeus são muito centralizados, nos EUA há mais liberdade. Até em relação ao aborto, a solução dos republicanos é descentralizar, deixar cada Estado decidir por si próprio. Nesse caso é uma forma de lavar as mãos e de não garantir liberdade para as mulheres determinarem o destino do seu próprio corpo. Mas a grande salvação dos EUA é essa descentralização. Se conseguir continuar com essa descentralização, é possível que a América supere. Por essa razão, por um lado, e, por outro, por causa do Sistema Educativo, das universidades, e do sonho americano de poder realizar o sucesso na carreira. Essas duas coisas, descentralização e mobilidade das carreiras, são o que pode salvar a América de si mesma.

No fundo, é o sonho americano...

É o sonho americano, porque isso está muito enraizado. E, no fundo, todas as histórias dos candidatos, seja Trump que já tinha dinheiro, mas fez uma fortuna, seja Kamala, seja J.D. Vance, são todas histórias de sucesso americano. O facto de poder haver esse sonho, essa ambição, cria um país onde existe estabilidade e permite o progresso da própria nação. Quer o presidente seja Trump, Kamala ou qualquer outro, isto vai ficar.

Só para terminar, o Dennis conhece muito bem Portugal há 60 anos. Que futuro antevê para as relações entre Portugal e os EUA?

Eu posso dizer que, quando vivi aqui nos Anos 60, os americanos não sabiam o que era Portugal, nem sabiam que ficava na Europa. Hoje os americanos sabem muito bem o que é Portugal, tenho muitos amigos que já vieram a Portugal. E isso tem a ver com as próprias comunicações: os americanos deram-se conta de que é mais perto ir de Nova Iorque ou de Boston para Lisboa do que para a Califórnia. E esta proximidade criou laços muito fortes. Em segundo lugar, eu acho que a política externa portuguesa tem de tentar alargar o espetro para o Atlântico e tem de vender junto dos americanos as possibilidades que isso cria. Portugal tem também de vender melhor a sua abertura em relação ao mundo. Por exemplo, falámos há pouco de indianos. Se eu examinar isto de uma perspetiva puramente americana, eu diria a um português: "Vocês também têm indianos de sucesso como Kamala, têm António Costa." Mas os portugueses não veem as coisas dessa forma, não veem António Costa como indiano. Os americanos veem que ele é de origem indiana. É preciso que Portugal mostre a sua experiência do mundo, a sua experiência africana também, essa multiculturalidade, que os americanos têm de reconhecer. Os americanos trabalham muito bem com os portugueses, quer seja com Guterres, quer seja com Costa, quer seja com outras figuras do passado, da História. A relação está muito bem consolidada e implantada. Portanto, só vejo otimismo. E o meu medo é que o país fique até demasiado dependente dos americanos e que não haja uma diversidade de investidores de outras nações.


SERGEI SUPINSKY / AFP

A Força Aérea ucraniana perdeu mais de 80 aviões e 45 helicópteros desde o início da invasão.

F-16 ucranianos são poucos e antiquados, mas preciosos

GUERRA Um ano depois de os Estados Unidos terem aprovado a transferência, os primeiros caças entraram por fim ao serviço de Kiev.

TEXTO **CÉSAR AVÓ**

No *Dia da Força Aérea da Ucrânia*, Volodymyr Zelensky presidiu a uma cerimónia em que os aviões de caça F-16 foram apresentados. "Ouvimos muitas vezes a palavra 'impossível'. Agora é uma realidade, a realidade nos nossos céus. F-16 na Ucrânia. Tornámo-lo realidade", disse numa pista, cuja localização foi mantida em segredo por razões de segurança. A aeronave de fabrico norte-americano chegou, por fim, e ainda que numa versão e numa quantidade incapazes de virar o curso da guerra, poderá ser decisiva para aguentar as linhas e melhorar a defesa aérea.

Pedido pela primeira vez desde o início da invasão por Kiev – tal como a imposição de uma *no-fly zone*, esta rejeitada pelo Ocidente –, só há 11 meses e meio, quando a contraofensiva ucraniana falhava, é que os Estados Unidos deram o aval à doação de aviões de países terceiros, no caso Dinamarca e Países Baixos. Nessa altura já tinha sido criada uma coligação para formação de pilotos e técnicos, bem como para fornecimento das aeronaves.

O presidente ucraniano disse que o número mínimo de aviões para defender os céus em paridade oscilaria entre 120 e 160, porém, além de Copenhaga e Haia, apenas Bruxelas e Oslo se juntaram na oferta de aviões, e numa quantidade aquém do solicitado (79). Segundo um relatório do grupo de análise CSIS, a Ucrânia necessitaria de uma dúzia de esquadrões, cada um com 18 F-16, para atingir a superioridade aérea e poder dar apoio a uma ofensiva terrestre.

O número de F-16 ao serviço da Ucrânia não foi revelado, embora haja informações em diferentes meios que apontam ora para seis ora para 10. É esperado que até ao final do ano estejam 20 a operar com o tridente pintado na cauda.

Além da quantidade ser escassa, as forças ucranianas estão obrigadas a um jogo do gato e do rato com Moscovo, guardando os aviões em bases diferentes e com abrigos – ou inclusive num país vizinho – para que os F-16 não tenham o mesmo fim que uns SU-27, destruídos por um míssil russo num aeródromo no início de julho. Dmitri Peskov, o porta-voz do Kremlin, augurou que os aviões norte-americanos serão "abatidos" e, de qualquer dos modos, "não terão um impacto significativo no curso dos acontecimentos na frente".

Uma fonte militar ucraniana, em declarações ao jornal *Le Figaro*, também não tem ilusões. "Os F-16 não vão mudar o curso da guerra, tal como os [tanques] Leopards, os [lançadores múltiplos de foguetes] *Himars* ou os [mísseis] *Scalps*". Lamenta sobretudo que a versão do avião seja antiga, o que o faz "pouco melhor do que o Mig-29", avião soviético ao dispor dos aviadores ucranianos.

Ainda assim, como aponta o relatório do CSIS, a eficácia dos jatos irá depender dos pilotos e das armas ao seu dispor. Segundo os *media*, os EUA estão a fornecer mísseis ar-ar (AIM-120 e AIM-9X) com o objetivo de afastar os russos SU-34 (que têm bombardeado diariamente a Ucrânia sem sair do seu espaço aéreo para atingir as linha da frente com as chamadas bombas planadoras) e de abater os mísseis de cruzeiro e *drones*, funcionando como complemento das defesas aéreas no solo.

Uma ajuda de grande importância para funcionar em equipa com os F-16 são os dois aviões de vigilância e reconhecimento ASC 890 que a Suécia ofereceu, e cujo radar permite detetar objetos até 400 quilómetros de distância.

cesar.avo@dn.pt

Israel está numa "guerra de várias frentes", diz Netanyahu

TENSÃO Advertência a Teerão sobre a esperada retaliação iraniana, que poderá prolongar-se vários dias.

À medida que os Governos se sucedem em avisos aos cidadãos para abandonarem o Líbano e o Irão, o primeiro-ministro israelita diz que o seu país está preparado para responder ao "eixo do mal iraniano", em referência à retaliação anunciada por Teerão e seus aliados, o grupo xiita libanês Hezbollah, o sunita palestiniano Hamas, e os rebeldes iemenitas *houthis*, às recentes liquidações de chefias em Beirute e em Teerão. Um ataque que, segundo fontes norte-americanas e israelitas ouvidas pelo *site* Axios, pode ocorrer a partir de hoje.

A Arábia Saudita juntou-se à França, ao Canadá, à Suécia, à Jordânia, ao Reino Unido e aos EUA nos apelos aos seus cidadãos para abandonarem o Líbano; e Portugal seguiu o conselho dado por França horas antes para os cidadãos abandonarem o Irão (*ver pág. 32*). Uma consequência da crescente tensão e dos atos dos protagonistas na região.

O governante israelita reuniu-se no domingo à noite com as chefias da Defesa e da segurança para analisar a situação. Antes, no início do Conselho de Ministros, Benjamin Netanyahu considerou que os israelitas estão "preparados para qualquer cenário, tanto ofensivo como defensivo". Mais ofensivo do que defensivo, tendo em conta o que disse de seguida: "O Estado de Israel está numa guerra de várias frentes contra o eixo do mal do Irão. Estamos a atacar cada uma das suas frentes com grande força."

Se à Axios várias fontes afirmam que o ataque contra Israel pode começar já hoje, à NBC News um funcionário israelita diz que, ao contrário da retaliação de abril, na qual o Irão lançou centenas de *drones* e de mísseis num só dia como resposta ao bombardeamento ao consulado iraniano em Beirute, desta vez espera-se um ataque que se prolongue por vários dias e que não se restrinja a alvos civis. Durante esse ataque o papel de uma coligação liderada pelos EUA, com a participação de Reino Unido e França e a colaboração de alguns países da região foi central para que a operação se saldasse por um ferido. Agora o Pentágono estará, segundo o Axios, a organizar uma nova coligação, mas não é certo que os países árabes voltem a colaborar.

Longe dos gabinetes e dos palácios, a guerra prossegue: um bombardeamento israelita a duas escolas, que abrigavam deslocados, matou pelo menos 30 pessoas na cidade de Gaza. Em Telavive, um ataque de um palestiniano com uma faca matou dois israelitas. **C.A.**


EXÉRCITO DE ISRAEL / AFP

Tropas israelitas em ação na Faixa de Gaza.

Fatoumata deu nas vistas no dia em que Isaac Nader falhou final dos 1500 metros

PORTUGUESES Atleta do Benfica apurou-se para as meias-finais dos 400 metros barreiras femininos, enquanto Nader foi 8.º nas meias-finais dos 1500. Na vela, continua a esperança de serem alcançados apuramentos para as regatas das medalhas.

TEXTO **CARLOS NOGUEIRA**

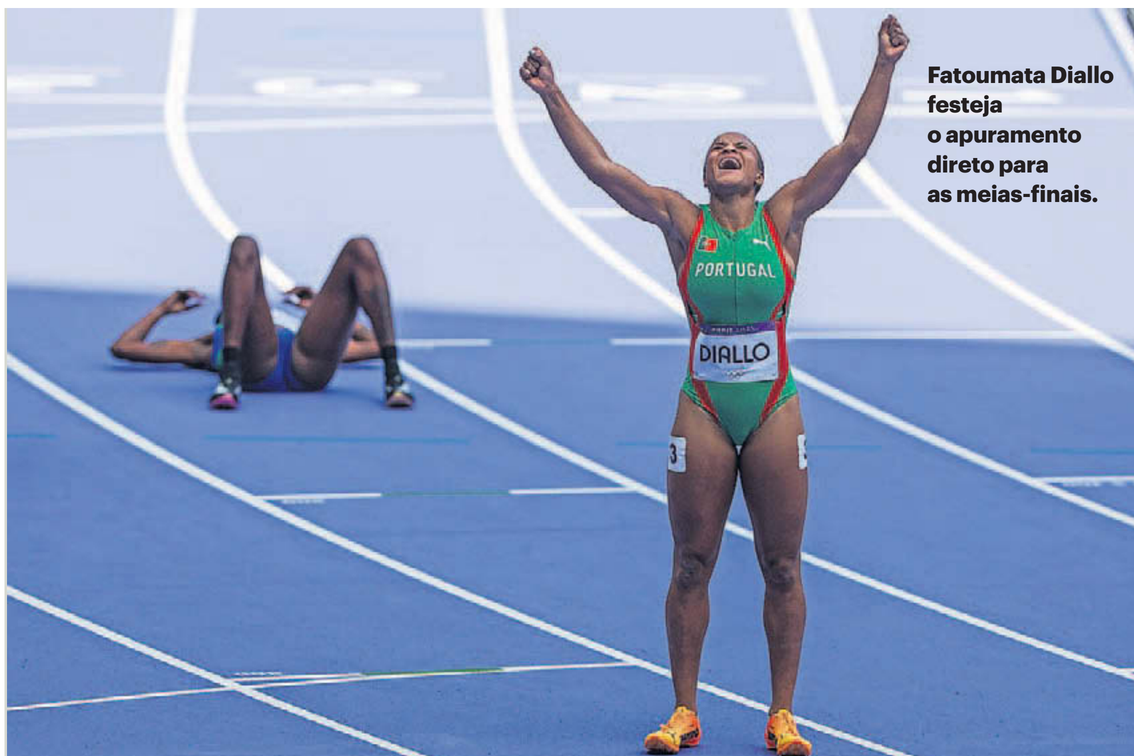
Fatoumata Diallo esteve ontem em destaque nos 400 metros barreiras femininos dos Jogos Olímpicos de Paris 2024, ao garantir o apuramento direto para as meias-finais com 54,75 segundos, o 11.º tempo de uma eliminatória em que a mais rápida foi a neerlandesa Femke Bol com 53,38.

A atleta do Benfica, de 24 anos, foi 2.ª classificada na sua série e ainda longe do seu Recorde Nacional fixado em 54,65 segundos, tendo sido apenas superada pela jamaicana Rushell Clayton. Na sua estreia em Jogos Olímpicos, Fatoumata Diallo vai disputar amanhã (19.07 horas) um lugar na final, sendo que, para isso, terá por certo de voltar a bater a melhor marca nacional.

"Estou muito contente. Estava um pouco nervosa, mas nada a ver com a concorrência, porque eu adoro correr com as melhores. Era mais comigo mesma, não querer tocar na barreira, cair, não estar a controlar os nervos, fazer uma porcaria, não estar na altura que devia estar", começou por dizer a atleta que nasceu na Guiné, mas aos 5 anos imigrou com os pais para Olhão, garantindo estar "muito contente" por um "sonho tornado realidade".

"O objetivo era a meia-final, consegui. Agora, é continuar para dar muito melhor para ir para a final", referiu, acrescentando que se sente a correr "em casa", afinal vive "perto do Stade de France", onde decorrem as provas de atletismo. "A minha família está toda aqui. Queria mostrar-lhes por que é que ando a sacrificar-me todos os dias, por que é que ando a trabalhar. E que não treinei quatro anos para nada", sublinhou.

Quem ainda alimenta a esperança de seguir para as meias-finais dos 200m é a veterana Lorène Bazolo, que obteve o 26 melhor tempo das eliminatórias, tendo hoje de disputar a repescagem para tentar chegar às meias-finais da prova. O tempo de 23.10 segundo foi a melhor marca da época da atleta do Sporting, de 41 anos, que representa a 5.ª melhor marca entre as corredoras que vão à corrida de repescagem que irá apurar mais seis semifinalistas. "Sei que consigo fazer menos de 23 segundos, trabalhei para isso. Estou focada para continuar a dar o meu melhor. Acredito e vou tentar baixar esta marca e sair daqui satisfeita", disse.


Fatoumata Diallo festeja o apuramento direto para as meias-finais.

Quem também vai à repescagem é João Coelho nos 400 metros, depois de ter sido 4.º na sua série, tendo percorrido a distância em 45.35 segundos, a sua melhor marca da temporada, que lhe valeu o 26.º tempo da qualificação para as meias-finais, para as quais vai tentar garantir um lugar esta manhã.

Nader falha nos 1500 metros

Já Isaac Nader, em quem recaíam algumas esperanças, falhou a qualificação para a final dos 1500m, ao ser 8.º na primeira meia-final da distância. O atleta natural de Faro, correu a prova em 3.34,75 minutos, mas não conseguiu integrar o lote dos seis primeiros que se apuravam diretamente para a final de amanhã.


FOTOS: JOSÉ SENA GOULÃO / LUSA

O desalento de Isaac Nader nas meias-finais dos 1500 metros.

PORTUGUESES HOJE EM AÇÃO

- 7.00 – Vasco Vilaça/Melanie Santos/Ricardo Batista/Maria Tomé (Estafeta de triatlo)
- 9.00/14.00/19.00 – Marcos Freitas/Tiago Apolónia/João Geraldo (Ténis de mesa, oitavos-de-final por equipas)
- 10.20 – João Coelho (Atletismo, repescagem 400 metros barreiras)
- 10.55 – Cátia Azevedo (Atletismo, eliminatória dos 400 metros femininos)
- 11.00 – Eduardo Marques (Vela, regatas 9 e 10 da Classe ILCA 7)
- 11.00 – Diogo Costa e Carolina João (Vela, regatas 7 e 8 da Classe 470 mistas)
- 11.00 – Mafalda Pires de Lima (Vela, regatas 5 a 8 da Classe *Kite*)
- 11.50 – Lorène Bazolo (Atletismo, repescagem 200 metros fem.) – meias-finais 19.45
- 13.00 – Duarte Seabra (Equestre, qualificação dos saltos por obstáculos)
- 19.30 – Irina Rodrigues (Atletismo, final Lançamento disco feminino)

"Oitavo lugar, não passei à final e, pronto, é o que fica. Gostava de ir à final e lutar pelas medalhas. Infelizmente, a vida é assim. É o desporto. Há que continuar a trabalhar. Quando nos ganham, no caso sete atletas, é porque esses sete atletas foram melhores do que nós. No final faltou um bocadito, mas foram melhores do que eu. Seis passam à final e é assim", declarou à RTP.

Velejadores em bom plano

Os velejadores portugueses continuam a ter um comportamento promissor, mantendo-se todos na luta pela regata das medalhas (*Medal Race*). Na Classe de 470 mistos, Carolina João e Diogo Costa subiram ao 7.º lugar da classificação geral, depois de terminarem a quinta regata no 2.º lugar e a sexta na 4.ª posição. A dupla portuguesa totaliza agora 39 pontos, numa prova liderada pelos austríacos Lara Vadlau e Lukas Mähr com 17 pontos. A equipa nacional está com uma vantagem de quatro pontos para o 11.º posto (o primeiro que não dá direito à regata das medalhas) quando faltam disputar quatro provas.

Promissora foi a estreia de Mafalda Pires de Lima na Classe *Kite*, tendo no final das duas primeiras regatas (num total de 16) conseguindo o 13.º lugar da classificação geral no final do primeiro dia de prova, no qual se disputaram quatro regatas, nas quais obteve um 8.º, um 16.º, um 14.º e um 13.º lugar.

Menos sorte teve Eduardo Marques na primeira prova do dia, da qual foi desqualificado, tendo o 3.º lugar na regata seguinte (a sétima, num total de 10), o que fez com que descesse na geral de 9.º para o 11.º, mantendo-se ainda na luta pela regata das medalhas.

Já Daniela Campos foi 41.ª classificada na prova de estrada de ciclismo, culminando assim a primeira participação em JO na primeira metade da tabela numa prova de 158 quilómetros, que teve como vencedora a norte-americana Kristen Faulkner com o tempo de 3:59.23 horas.

carlos.nogueira@dn.pt



Djokovic reforça lenda em Paris e Noah Lyles vence o Ouro nos 100 metros

PARIS2024 Tenista sérvio bateu o espanhol Alcaraz na final em Roland Garros. Na prova de velocidade, norte-americano bateu o adversário jamaicano por cinco milésimos de segundo.

TEXTO **NUNO FERNANDES**

Era o título que lhe faltava no extenso currículo. Novak Djokovic conquistou ontem a Medalha de Ouro na prova de singulares masculinos dos Jogos Olímpicos Paris2024, ao bater na final o espanhol Carlos Alcaraz. Isto num dia em que o norte-americano Noah Lyles venceu a final dos 100 metros por cinco milésimos de segundo.

No ***court*** central de Roland Garros, Djokovic, que tinha sido Medalha de Bronze em 2008, venceu o espanhol em dois *sets*, pelos parciais de 7-6 (7-3) e 7-6 (7-2), numa batalha que se prolongou por duas horas e 51 minutos.

O sérvio, de 37 anos, junta o título Olímpico a um recorde de 24 torneios do *Grand Slam* (10 no Open da Austrália, sete em Wimbledon, quatro no US Open e três em Roland Garros) e sete vitórias nas *ATP Final*.

"Dei ou meu coração, a alma, o corpo, a família, dei tudo para vencer o Ouro Olímpico e, finalmente, conseguiu-o. É um orgulho vencer pela Sérvia", afirmou Djokovic, ainda no *court*, lembrando que esta era já a sua quinta presença olímpica.

O sérvio falou ainda de uma "batalha incrível, de um jogo incrível", em que Alcaraz o obrigou sempre a jogar o seu "melhor ténis" e em que ambos tiveram "hipóteses para quebrar" os serviços contrários, mas nunca o conseguiram, pelo que, o jogo foi "inevitavelmente" decidido em dois *tie breaks*.


Djokovic conquistou pela primeira vez o Ouro em JO aos 37 anos.

CARL DE SOUZA / AFP

Lyles mais forte nos 100 metros

Noah Lyles brilhou ontem na final dos 100m masculinos. Numa prova fantástica, cruzou a meta ao lado do jamaicano Kishane Thompson e apenas o recurso ao *photo finish* permitiu perceber quem venceu. O Ouro acabou por ficar na posse do norte-americano, por cinco milésimos de segundo.

Com esta vitória, Lyles devolveu a glória olímpica aos Estados Unidos na mítica prova 20 anos depois do último Ouro, conquistado em Atenas por Justin Gatlin, numa final onde o português Francis Obikwelu foi 2.º. "É o que eu queria, numa batalha difícil, contra adversários incríveis. Toda a gente veio preparada para a luta e eu queria provar que sou o melhor entre todos eles. Sou o lobo entre os lobos". disse o novo campeão dos 100m.

O companheiro de equipa de Lyles, o norte-americano Fred Kerley, conquistou o Bronze em 9,81 segundos, apenas um centésimo à frente do sul-africano Akani Simbine, que cortou a meta com o tempo de 9,82 segundos.

Destaque ainda nas provas de ontem para o nadador norte-americano Bobby Finke, que voltou a conquistar a Medalha de Ouro nos 1.500 metros livres, conseguindo um novo Recorde Mundial da distância com a marca de 14.30,67 minutos.

Bobby Finke, que defendia o título conquistado em Tóquio2020, superou o anterior máximo mundial do chinês Yang Sun (14.31,02), conseguido em Londres2012, no último dia de provas de natação na Arena La Defense. **Com AGÊNCIAS**



Nyles ganhou a prova de 100 metros por cinco milésimos de segundo.

ANNE-CHRISTINE POUJOULAT / AFP

TOP-10 DE MEDALHAS

País	Total	Ouro	Prata	Bronze
1.º Estados Unidos	71	19	26	26
1.º China	45	19	15	11
3.º França	44	12	14	18
4.º Austrália	31	12	11	8
5.º Grã-Bretanha	37	10	12	15
6.º Coreia do Sul	24	10	7	7
7.º Japão	24	9	5	10
8.º Itália	22	7	10	5
9.º Países Baixos	15	6	5	4
10.º Alemanha	12	5	5	2
48.º PORTUGAL	1	0	0	1

BREVES

Pugilista Ngamba dá 1.ª medalha aos refugiados

A pugilista Cindy Ngamba garantiu ontem a primeira Medalha Olímpica da história para a equipa de refugiados, ao assegurar o apuramento para as meias-finais (-75 kg), o que lhe dará, no mínimo, o Bronze em Paris2024. Ngamba foi a porta-estandarte da equipa de 37 desportistas que compõem a maior Missão de Refugiados, desde a sua criação no Rio2016 e que tem também o objetivo de alertar para a situação dos refugiados em todo o mundo. No combate de ontem, a pugilista, de origem camaronesa e que treina e vive em Inglaterra, venceu nos quartos-de-final a francesa Davina Michel. Também ontem, o pugilista cabo-verdiano David Pina garantiu o Bronze nos -51kg, apesar de derrotado nas meias-finais pelo uzbeque Hasanboy Dusmatov. Foi a primeira medalha de sempre de Cabo Verde em JO.

EUA com Ouro e Recorde Mundial nos 4x100 estilos

A estafeta feminina norte-americana dos 4x100 metros estilos em natação conquistou ontem a Medalha de Ouro nos Jogos Olímpicos Paris2024, com um novo Recorde Mundial, na última prova da natação na Arena La Defense. O quarteto composto por Regan Smith, Lilly King, Gretchen Walsh e Torri Huske completou a prova com o tempo de 3.49,63 minutos, novo máximo mundial, superando o anterior registo que também estava na posse dos Estados Unidos (3.50,40), desde 2019. A Austrália terminou no 2.º lugar, a 3,48 segundos, enquanto a China foi 3.ª, a 3,60, deixando o Canadá, do fenómeno Summer McIntosh, que em Paris conseguiu três Medalhas de Ouro e uma de Prata, no 4.º posto.


NUNO VEIGA / LUSA

O ciclista russo de 29 anos, ontem, a cortar a meta já com a vitória da Volta no bolso.

Nych, o russo que fugiu da guerra e ganhou a Volta

CICLISMO Corredor representa a Sabgal-Anicolor e mora em Santa Maria da Feira. Cortou relações com o pai que era apoiante de Putin.

O russo Artem Nych (Sabgal-Anicolor) venceu ontem a 85.ª edição da Volta a Portugal em bicicleta, ao defender a liderança com a vitória no contrarrelógio individual da 10.ª e última etapa, em Viseu. Assegurou a vitória ao terminar os 26,6kms do *crono* final com o tempo de 34.36 minutos, menos três segundos do que o companheiro dinamarquês Julius Johansen, 2.º classificado, enquanto o suíço Colin Stüssi (Vorarlberg), vencedor em 2023, gastou mais 30 segundos.

O corredor russo, de 29 anos, assegurou o triunfo final com 1.23 minutos de vantagem sobre Stüssi, 2.º na classificação geral, e 2.38 sobre o porto-riquenho Abner González (Efapel), 3.º, enquanto Gonçalo Leaça (Credibom-LA Alumínios-MarcosCar) assegurou o estatuto de melhor português, com o 4.º lugar.

O gigante russo que fugiu da guerra com uma mochila às costas, encontrou em Portugal o seu porto de abrigo. Operou uma verdadeira reviravolta na classificação geral nos últimos dias, sabendo esperar pela oportunidade depois de perder tempo na 1.ª etapa, beneficiou da desistência do líder da Sabgal-Anicolor, o uruguaio Mauricio Moreira, e rematou com autoridade, ao vencer o *crono* final, depois de já ter erguido os braços na sexta tirada, em Boticas.

Do desemprego para Portugal

Campeão russo de fundo em 2021, foi resgatado este ano pela Glassdrive-Q8-Anicolor do desemprego a que foi condenado com o desaparecimento da Gaz- prom-Rus-Velo, devido à invasão da Rússia à Ucrânia, e demonstrou estar à altura da confiança na primeira participação na Volta, embora, na montanha, tenha dado sinais de debilidade, nomeadamente na Senhora da Graça, onde foi rebocado por Frederico Figueiredo, acabando no 4.º lugar final.

Essa parceria voltou a repetir-se este ano, na 9.ª etapa, que acabou no Alto da Senhora da Graça, desta vez com um resultado muito mais frutífero, dias depois de a equipa ter dado a Volta como perdida quando *Mauri* abandonou, com problemas físicos.

Para chegar aqui, Nych, de 1,95m e sorriso rasgado, fugiu da Rússia com uma mochila às costas, numa viagem com paragem na Bielorrússia, Cazaquistão, Turquia, Itália e, finalmente, Santa Maria da Feira, cidade onde vive, tal como Moreira.

De relações cortadas com o pai, apoiante de Vladimir Putin e defensor de uma guerra na qual esperava que o filho participasse, Nych aprendeu português em tempo recorde e, hoje, consegue já expressar-se ainda que com algumas limitações – não esperem dele declarações elaboradas ou análises profundas, apenas o vocabulário essencial.

Vindo da Sibéria, da cidade de Kemerovo, onde nasceu em 21 de março de 1995, cumpriu todo o percurso profissional em equipas russas, iniciando-se na Russian Helicopters (2014). antes de mudar para a Gazprom-Rusvelo.

"Se eu vos contasse a história do Artem, ele virava o ciclista do povo português. Pegou numa mochila, sem nada, e veio ter comigo com o contrato assinado. Passámos mesmo muito", contou aos jornalistas o diretor desportivo, Rúben Pereira, depois do brilharete na Senhora da Graça.

Frio na estrada, é afável fora dela, impressionando pela cortesia e boa vontade com que tenta entender o que lhe dizem, num exercício de perseverança, a mesma que o ajudou a ganhar a 85.ª edição da Volta a Portugal. **DN/LUSA**

Rui Moreira provoca Conceição após conquista da Supertaça

Rui Moreira, presidente da Câmara Municipal do Porto e adepto dos dragões, colocou uma mensagem nas redes sociais a felicitar o clube portista pela conquista da Supertaça, sábado à noite em Aveiro... com fortes bicadas a Sérgio Conceição, antigo treinador por quem o autarca nunca morreu de amores.

"Um presidente, uma equipa, um treinador. O meu clube. Sem cenas patéticas. Sem coisas que me envergonhavam. Com jogadores que o 'mago' tinha encostado. Que afinal, têm qualidade. E têm vontade", escreveu Rui Moreira, satisfeito com a conquista do primeiro troféu da época.

"Um grande jogo de futebol, duas grandes equipas. Um jogo à antiga. Com tudo. Sem medo de parte a parte. Parabéns ao Sporting, mas hoje era o dia do FC Porto. Adeptos + jogadores + treinador + direção + presidente", acrescentou o autarca.

Sérgio Conceição, recorde-se, a dada altura da época passada, chegou a encostar jogadores como Jorge Sánchez, Iván Jaime, Toni Martínez e André Franco.

Iván Jaime acabou por marcar o golo da vitória, no prolongamento, que valeu a vitória por 4-3 sobre o Sporting e a conquista do troféu. E no final do jogo também deixou uma farpa a Conceição: "Obrigado também a quem me quis prejudicar porque hoje sou a pessoa que sou também à custa disso. Obrigado à minha família, eles sabem o que sofri na época passada." **N.F.**


BENJAMIN CREMEL / AFP

MotoGP. Miguel Oliveira abandona após queda e Bastianini vence

O piloto português Miguel Oliveira (Aprilia) abandonou ontem o Grande Prémio da Grã-Bretanha de MotoGP, 10.ª prova da temporada, devido a uma queda sofrida logo na primeira volta. A prova foi ganha pelo italiano Enea Bastianini (Ducati), *na foto*, que cortou a meta com o tempo de 39.51,879 minutos, deixando na 2.ª posição o espanhol Jorge Martín (Ducati), a 1,931 segundos, com o italiano Francesco Bagnaia (Ducati) em terceiro, a 5,866. Com estes resultados, Jorge Martín assume, de novo, o comando do Mundial, com 241 pontos, mais três do que Bagnaia, que desce ao 2.º lugar.

emprego

INSTITUTO DE HIGIENE E MEDICINA TROPICAL

Dá-se conhecimento público de que se encontra aberto processo de recrutamento de pessoal em regime de contrato de trabalho a termo resolutivo certo para o Instituto de Higiene e Medicina Tropical da Universidade Nova de Lisboa para:

1 VAGA DE TÉCNICO SUPERIOR (m/f)

referência CT-GGBM/07-2024

Ao qual podem candidatar-se os indivíduos que reúnam as condições fixadas no aviso disponível no endereço:

https://www.ihmt.unl.pt/category/bolsas-e-concursos/

O prazo-limite para submissão das candidaturas é de 6 dias úteis a contar da data da publicação no *site* do IHMT.

NOVA — NOVA SCHOOL OF BUSINESS & ECONOMICS

Publicita-se a abertura de procedimentos de recrutamento de pessoal para a NOVA School of Business and Economics, aos quais podem candidatar-se indivíduos que reúnam as condições fixadas nos avisos disponíveis no seguinte endereço:

https://www2.novasbe.unl.pt/pt/sobre-nos/junte-se-a-nova-sbe

» **Referência NOVASBE.CT.80-PRR** – 1 Técnico Superior para exercer funções na área Pré-Experiência na NOVA SBE, em regime de contrato individual de trabalho a termo incerto.

» **Referência NOVASBE.CT.81-PRR** – 1 Técnico Superior para exercer funções na área Pré-Experiência na NOVA SBE, em regime de contrato individual de trabalho a termo incerto.

O prazo-limite para submissão das candidaturas é de 15 dias úteis a contar da data da publicação do presente anúncio.

veículos

COMPRO
AUDI A4 1.9tdi 130cc
2002 a 2004
Particular
Tlm.: 968 761 442

avisos, tribunais e conservatórias

REPÚBLICA PORTUGUESA — AMBIENTE E ENERGIA
Direção-Geral de Energia e Geologia

EDITAL

POSTO DE ABASTECIMENTO DE COMBUSTÍVEIS

Processo n.º D-27817

Em conformidade com a disposição n.º 9 da Portaria n.º 1188/2003, de 10 de outubro, são convidadas as entidades singulares ou coletivas a apresentar, por escrito, a esta Direção-Geral, sita na Av. 5 de Outubro, 208 (Edifício Sta. Maria), 1069-039 Lisboa, dentro do prazo de 20 dias, a contar da data da publicação deste edital, as suas reclamações contra a concessão da licença requerida pela entidade abaixo indicada, nos termos do Decreto-Lei n.º 267 /2002, de 26 de novembro, com a redação conferida pelo Decreto-Lei n.º 217/2012, de 9 de outubro, podendo para o efeito examinar o respetivo processo.

Entidade: PETROGAL, S.A.

Localização da Instalação:
- Morada: Doca das Fontainhas
- Localidade: Setúbal
- Freguesia: S. Sebastião (Setúbal)
- Concelho: Setúbal
- Distrito: Setúbal

Finalidade: venda

O Chefe de Divisão DRAT
Bernardino Gomes
Por subdelegação de poderes, Despacho n.º2181/2024
Publicado no DR II Série, de 27 de fevereiro

AVISO 2/2024/DPR | ABERTURA DE PERÍODO DE DISCUSSÃO PÚBLICA | Proposta de Delimitação da Unidade de Execução–Centro de Medicina de Reabilitação de Alcoitão (UE-CMRA)

CÂMARA MUNICIPAL CASCAIS

NUNO PITEIRA LOPES, VICE-PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE CASCAIS, torna público, nos termos do n.º 1 do art.º 56.º da Lei n.º 75/2013, de 12 de setembro, na redação atual que a Câmara Municipal, na reunião de 25/06/2024, no âmbito da Proposta n.º 690/2024, deliberou proceder à abertura de um período de discussão pública, da proposta de Delimitação da Unidade de Execução – Centro de Medicina de Reabilitação de Alcoitão (EU-CMRA), em conformidade com os respetivos Termos de Referência e Anexos, de acordo com o n.º 4 do artigo 148.º do Regime Jurídico dos Instrumentos de Gestão Territorial (RJIGT), aprovado pelo D.L. n.º 80/2015, de 14 de maio, com as alterações e na redação vigente.

O período de discussão pública decorrerá pelo prazo de 20 dias úteis, entre o dia 7 de agosto de 2024 e o dia 4 de setembro de 2024, podendo a proposta e respetiva documentação ser consultada em www.cm-cascais.pt, encontrando-se o processo digital integral disponível para consulta, mediante marcação (214 815 494) no Departamento de Processos Especiais (DPR), sito na Alameda dos Combatentes da Grande Guerra n.º 247, Edifício S. José, 4º piso, 2750-326 Cascais.

Durante o referido prazo, os interessados podem participar, por escrito, através de correio eletrónico (**ue.cmra@cm-cascais.pt**), por via postal ou entrega presencial no balcão de atendimento da Loja Cascais (sita no Edifício Cascais Center, na Rua Manuel Joaquim Avelar, n.º 118, piso-1 2750-281 Cascais), devendo as reclamações, observações ou sugestões serem dirigidas ao Sr. Presidente da Câmara Municipal de Cascais, podendo caso pretendam, utilizar para o efeito, o impresso disponível no portal da internet (www.cm-cascais.pt).

Cascais, 30 de julho de 2024

O Vice-Presidente da Câmara Municipal de Cascais
Nuno Piteira Lopes

George Clooney e Brad Pitt em *Lobos Solitários* – para nos lembrar de que Hollywood ainda tem estrelas de cinema.

Nova temporada: Clooney, Pitt, gladiadores e um *Joker*...

RENTRÉE Em pleno verão, antecipam-se as estreias que chegam a partir de setembro. Uma *rentrée* a cheirar a temporada dos prémios e com filmes para continuar o bom balanço comercial nas salas. Uma bela mistura entre cinema de estúdio e propostas de nicho.

TEXTO **RUI PEDRO TENDINHA**

Beetlejuice Beetlejuice
– Tim Burton (5/setembro)
Virá com fama e honras de abertura do *Festival de Veneza*. Uma sequela improvável com décadas de diferença – o original era de 1988 e fazia figura de excentricidade. É o regresso de Tim Burton, desta vez com a personagem de Winona Ryder a contas com os problemas em criar uma filha adolescente que desperta o génio Beetlejuice. A grande curiosidade é perceber se o humor gótico de Burton ainda provoca espanto.



Iris e os Homens
– Caroline Vignal (19/setembro)
Eis a surpresa deste regresso das férias! A realizadora de *O Meu Burro, o Meu Amante e Eu* regressa com outra comédia sobre emancipação feminina. Aqui compensa o humor feminista, numa crónica sobre uma mulher casada que decide ter amantes para voltar a ter um orgasmo. Trata-se, sobretudo, de uma demonstração do talento da atriz Laure Calamy e uma prova de que a comédia francesa para adultos ainda mexe.



Lobos Solitários
– Jon Watts (19/setembro)
Outro dos filmes das *majors* que chega com o prestígio de *Veneza*. Uma comédia de ação com Brad Pitt e o amigo George Clooney num divertimento para nos fazer lembrar de que Hollywood ainda tem estrelas de cinema, neste caso a compor dois lobos solitários que são obrigados a trabalhar no mes-

mo contrato de "limpeza" de um crime. Prevê-se muita embirração masculina….

Joker: Loucura a Dois
– Todd Phillips (3/outubro)
Será a estreia mais aguardada da temporada, mesmo que "continuação", mas é uma sequela diferente. Diz-se que é um ato de bravura de Todd Phillips. Uns acreditam que é um tributo a Hollywood, outros apostam na fluidez do musical. Pelos primeiros *trailers*, percebe-se que é uma desesperada história de amor trágica entre Harley Quinn e o internado Arthur Fleck. Não há sinais de Batman, Phillips continua a ser livre e sem a fórmula do filme de *comics*.



Emmanuelle
– Audrey Diwan (17/outubro)
Pronto para estalar polémicas, vai chegar o *remake* do clássico do erotismo de 1974 protagonizado por Sylvia Kristel, mas desta vez com o ângulo do enfoque no desejo feminino. Audrey Diwan, fresca da consagração de *O Acontecimento*, assina uma obra que foi escolhida pelo *Festival de San Sebastián* para abertura, tendo no argumento a realizadora Rebecca Zlotowski. Fala-se de que tem cenas de sexo transgressoras. No elenco encontram-se Noémie Merlant, Naomi Watts e Will Sharpe.



We Live in Time
– John Crowley (24/outubro)
O cinema britânico também tem um candidato a filme popular desta temporada. Para já, ainda não há título em português para esta comédia dramática romântica sobre um casal a apaixonar-se, ter uma crise, formar uma família e lutar com uma doença. Deste cineasta esperam-se sempre coisas maravilhosas, sobretudo após *Brooklyn*. Neste caso, a expectativa também passa pela química do par, Andrew Garfield e a sempre estimulante Florence Pugh.



Anora
– Sean Baker (31/outubro)
O novo *Pretty Woman* para a *Geração Z* aí está. Venceu a Palma de Ouro em *Cannes* e está na *pole position* para os Óscares. A história de uma trabalhadora de sexo de Brooklyn que tem um casamento instantâneo com um herdeiro de um oligarca russo. Enérgico e com um ritmo incessante, *Anora* é a explosão de raiva que o novo cinema de autor americano precisava. A consagração de Sean Baker!



The Substance
– Coralie Fargeat (31/outubro)
O *body horror* feminista de que se fala. Em *Cannes* teve uma aclamação exagerada e chegou a arrecadar o prémio de Melhor Argumento. A francesa Coralie Fargeat inventou uma história onde Demi Moore é uma estrela de Hollywood a passar de moda que decide experimentar uma droga que a torna nova e mais bela. O resultado fá-la transformar-se em Margaret Qualley. Um conto de Frankenstein sobre o corpo feminino e a forma como Hollywood objetiva as mulheres. Para quem está entusiasmado convém lembrar que *Titane*, de Julie Ducarnou, em Portugal não resultou…



Conclave
– Edward Berger (7/novembro)
O realizador oscarizado de *A Oeste Nada de Novo* filma agora em língua inglesa. Ralph Fiennes é o bispo escolhido pelo Vaticano para supervisionar o Conclave que escolherá o novo Papa. Trata-se de um ensaio sobre a dúvida humana. Baseado no romance *best-seller* de Robert Harris, é o típico objeto europeu de prestígio que quer ser popular. Fala-se também em Óscares, mas estranhamente não conseguiu vaga em *Veneza*, mesmo estando garantido para *San Sebastián*.



Youth (Spring)
– Wang Bing (7/novembro)
O maior retratista documental da China regressa com a primeira parte da sua nova trilogia, neste caso centrada numa ideia de nova geração da massa de trabalhadores chineses, filmando perto Zhili, uma área da indústria têxtil chinesa. A câmara acompanha o dia a dia dos jovens rurais que trabalham no fabrico de roupas contemporâneas baratas, famílias que vivem num regime de quase escravatura laboral. Um impressionante fresco, que se arrisca a ser um dos acontecimentos da temporada.



Gladiador 2
– Ridley Scott (21/novembro)
Seria preciso o regresso à Roma Antiga? Ridley Scott e a Paramount não resistiram à tentação de mais um *Gladiator*, usando apenas a personagem de Connie Nielson num período temporal posterior às façanhas de Maximus, focando a intriga no surgimento de um jovem gladiador que põe em causa a supremacia dos novos líderes do Império. Fala-se de política e revolução num *blockbuster* que tem o elenco mais sonante dos últimos tempos: Denzel Washington, Pedro Pascal, Paul Mescal e Joseph Quinn.





***O Melhor dos Mundos*, de Rita Nunes, filme guindado por uma interpretação fulminante de Sara Barros Leitão.**

O congestionamento português

PORTUGUESES São muitos os filmes portugueses previstos a partir de setembro. Todas as atenções estão viradas para *Grand Tour*, de Miguel Gomes, melhor realização em *Cannes*. Mas há muito mais.

É certo e sabido que a cada ano há mais filmes portugueses, seja por um maior investimento do Instituto do Cinema, por filmes financiados de forma privada, ou por esquemas de transformar séries em cinema, mas a verdade é que há um fraquinho dos seus produtores em estreá-los em cima uns dos outros. Esta próxima temporada apresenta uma fartura de estreias nacionais. Será curioso perceber como o mercado vai gerir este entupimento de estreias de obras portuguesas.

Um engarrafamento que, em setembro, coloca por exemplo na mesma semana Rodrigo Areias e o seu magnífico *A Pedra Sonha Dar Flor* com o não menos magnífico *Rei Ubu*, de Paulo Abreu, sendo que na semana a seguir Miguel Gomes mostra o seu celebrado *Grand Tour* contra o novo de Margarida Gil, *Mãos no Fogo*.

Nessa fartura de títulos esperam-se muitos equívocos de bilheteira, mas era bom não deixarmos de lado Rita Nunes e o seu *O Melhor dos Mundos*, filme-catástrofe que é, afinal, um retrato de uma mulher, bem como a estreia nas longas de Diogo Costa Amarante, *Estamos no Ar*, mostrado no *Festival de Roterdão*.

A dupla rajada de Graciano
Sérgio Graciano será o único cineasta com dois filmes: *Camarada Cunhal*, encomenda do produtor Francisco Gandarez, e *Os Papéis do Inglês*, belíssima adaptação da obra de Rui Duarte Carvalho.

O tal cinema "comercial" que tem tido resultados desastrosos terá dois títulos nesta *rentrée*: *Vive e Deixa Andar*, de Miguel Cadilhe, uma espécie de farsa a 007, e *Chuva de Verão*, de António Mantas Moura, com o talentoso Filipe Amorim.

O calendário tem ainda previsto *Dulcineia*, de Artur Serra Araújo, com a nossa grande *star* Alba Baptista, e uma sessão de curtas intitulada *Que Mulheres São Estas*, onde cabem *Um Caroço de Abacate*, de Ary Zara, *By Flávio*, de Pedro Cabeleira, e *As Sacrificadas*, de Aurélie Oliveira Prenet.

Esta *rentrée* preenchida portuguesa inclui ainda *A Savana e a Montanha*, de Paulo Carneiro, coboiada transmontana que foi selecionada para a *Quinzena dos Cineastas*, em *Cannes*. É muito provável que os distribuidores adiem alguns destes filmes, mas não nos espantava que os novos de Edgar Pêra ou Frederico Serpa ainda aparecessem nas listas de estreias.

LIVROS DA SEMANA

Quatro policiais para ler em agosto

Do romance *noir* ao mais íntegro policial, com aproximações e divergências.

TEXTO **JOÃO CÉU E SILVA**

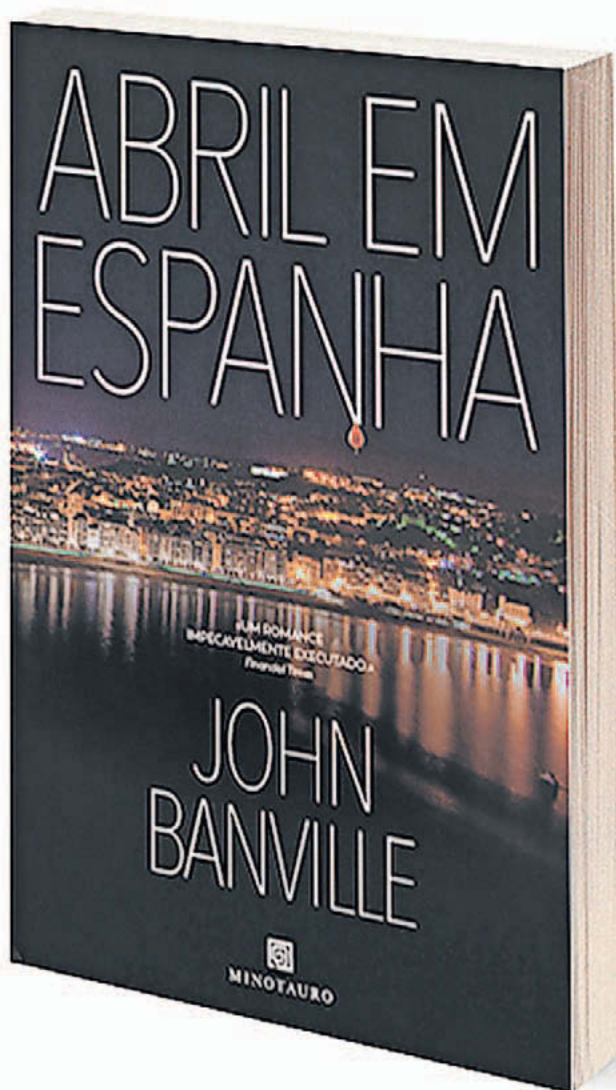
Até há pouco tempo, o escritor irlandês John Banville utilizava o pseudónimo Benjamin Black para os seus livros policiais, protagonizados pelo patologista Quirke. Agora, assume esses policiais com o próprio nome, talvez porque deixou de aspirar ao Nobel da Literatura, – a Academia Sueca não premeia este género literário. Portanto, passou a sujeitar-se ao julgamento dos leitores e põe de lado o júri que poderia conceder-lhe o prémio pela sua literatura de grande qualidade de décadas.

O seu mais recente policial traduzido para português tem como título *Abril Em Espanha* e retoma as aventuras de Quirke, que viaja contrariado para San Sebastián, onde descobre um motivo para investigar e, principalmente, ocupar o tempo livre a que as férias obrigam.

Em muito, o registo é do romancista e não o do autor de policiais, pois conjuga a arte de John Banville com o propósito de Benjamin Black. Nada que obste a uma leitura apaixonada, do princípio ao fim, de uma narrativa onde os intrincados meandros do policial são aligeirados para caracterizar as personagens como as de um romance em que, não havendo um crime, existe um mistério que puxa pelo leitor.

Na contracapa desvenda-se um pouco da história: Quirke vê uma mulher que lhe faz lembrar outra que foi assassinada em Dublin e não descansa enquanto não descobre a solução. É daí que vem o título, um bom trocadilho, e que alimenta a investigação do patologista, que conta com um bom espécime de bandido e uma filha que o auxilia na descoberta do mistério que lhe veio animar as férias.

São quase 400 páginas em capítulos que alternam a titularidade das personagens, com desvios frequentes destinados a enganar o leitor, que só respira de alívio mesmo na reta final.

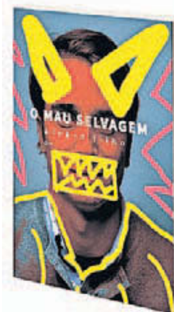


ABRIL EM ESPANHA
John Banville
Minotauro
373 páginas



O romancista John Banville assume o pseudónimo Benjamin Black dos seus policiais.

LANÇAMENTOS



O MAU SELVAGEM
Álvaro Filho
Urutau
178 páginas

UM POLICIAL SOCIOLÓGICO

Álvaro Filho já publicou outros romances com cenários de crime e de investigação, como *Alojamento Letal*, em que a simbologia protagonizava um importante papel. Desta vez, em *O Mau Selvagem*, a história tem três tempos: inicialmente, tudo indicia ser mais uma análise sociológica da xenofobia nacional para com os imigrantes brasileiros do que a antecipação de uma investigação – talvez a melhor caracterização desse sentimento sempre presente e continuadamente negado na sociedade portuguesa. A meio, o cenário da livraria, onde a maioria dos funcionários é de origem brasileira, serve os propósitos do autor para criar um mistério que é necessário o protagonista esclarecer. A terceira fórmula, sustenta-se na adaptação da técnica do policial *noir* para continuar e completar a investigação.
O livro está repleto de situações de vida e de citações literárias que se encaixam na perfeição, desde logo com um título que resulta na perfeição e que vem do mito ingénuo e insensato de Rousseau do *Bom Selvagem*, fazendo com que o leitor participe também na descoberta da solução para o que acontece ao protagonista. Um romance passado em Lisboa e no qual se reveem muitas paisagens urbanas apropriadas para a ação da história, enquanto vão surgindo questionamentos sociais que, conforme a trama avança, o autor torna a sua crítica social mais abrangente, e coloca a par da xenofobia nacional também a questão de classe no Brasil. Chegados ao fim, o mistério é resolvido, com uma solução própria de Raymond Chandler. De referir a existência de um prefácio de Gonçalo M. Tavares que abençoa *O Mau Selvagem* de uma forma inesperada.



MORTE E FROMAGE
Ian Moore
Porto Editora
367 páginas

CRIME COM QUEIJO DE CABRA

Na senda dos novos autores de policiais britânicos, os que marcam presença na televisão, vem um policial pouco cómico do comediante Ian Moore. Após *Morte e Croissants*, o autor muda a ementa para *Morte e Fromage*, continuando a situar as histórias no Vale de Follet, na Região do Loire, onde um dos protagonistas administra uma pequena pensão. Apesar de pouco ou nada acontecer naquele recanto perdido, Richard vê-se envolvido na investigação que uma das suas hóspedes inicia após o aparente suicídio de um fornecedor de queijo para um restaurante próximo que acabara de perder uma das três estrelas Michelin do estabelecimento. Como diz o autor, os franceses levam o queijo muito a sério, e o autor imita-os na sua recriação neste policial.



PERTO DO ABISMO
Jorn Lier Horst & Thomas Enger
D. Quixote
390 páginas

POLICIAL NÓRDICO

O nome do escritor nórdico Jorn Lier Horst é sempre significado de mais um policial desta região da Europa que foi catapultada para o interesse dos leitores do resto do continente pelo sucesso da trilogia *Millennium*, de Stieg Larsson. Já com vários livros editados em língua portuguesa, desta vez Horst surge acompanhado em *Perto do Abismo* por um parceiro, Thomas Enger. A trama não foge ao habitual *suspense* que existe nos livros de ambos, com uma detetive morta, uma ameaça de assassínio pendente, e uma corrida desenfreada para que um responsável da polícia e um jornalista impeçam novas tragédias. Se Horst sozinho já era sedutor na escrita dos seus *thrillers*, agora na companhia de Enger ainda torna a leitura mais elétrica para quem se sente atraído pelos bastidores mais negros da sociedade norueguesa.



Opinião
Carlos Moura-Carvalho

Memórias e silêncios

Ao longo da vida acumulamos experiências, perceções, conhecimento. Por vezes, a memória prega-nos partidas, atraiçoa-nos. Nomes que se esquecem, acontecimentos cujos contornos se dissipam, datas que se confundem. Como diz Chico Buarque: "Salve o dia azul, salve a festa e salve a floresta, salve a poesia e salve este samba antes que o esquecimento baixe seu manto, seu manto cinzento."

A vida faz-se de memórias. Umas boas, outras más. A História constrói-se com memórias. Heroicas muitas vezes, mas também as que envergonham. Há memórias que magoam, traumatizam, e tudo fazemos para esquecer. E há outras que esquecemos por irrelevantes.

Outras vezes, optamos por não partilhar as nossas memórias, mantendo-nos em silêncio. Por respeito, por vergonha, por obrigação, por dever profissional, por estratégia. O silêncio é também uma forma de transmitir algo, de marcar uma posição, ou de estimular a curiosidade para o momento em que se fala. A cultura japonesa valoriza o silêncio como forma de demonstrar respeito e cortesia e como forma de transmitir emoções. Uma fonte de intimidade emocional entre as pessoas, em que estar em silêncio tem simbologias próprias, como se fosse um código, que deve ser respeitado.

Mas o silêncio pode ser também uma forma de controlar a memória coletiva, definindo o que deve ou não ser lembrado e transmitido. Dessa forma, o que está autorizado a ser lembrado cristaliza-se, permanece no tempo e dá aos acontecimentos históricos um determinado destino. Destino que poderia ser outro, se o conteúdo das memórias individuais pudesse ser revelado, incorporado na memória coletiva.

O que chamamos de Humanidade é a capacidade de preservar memórias, neste caso coletivas. Se antes era a História o cerne da investigação e do saber científico, agora é a memória que constitui a noção central de uma nova cultura pública. Os discursos pós-coloniais são, na sua essência, a tentativa de correção de certos factos e a reivindicação de novas políticas da memória.

Muito mais do que uma ideia estática de História, as políticas de memória são fundamentais enquanto pilares de uma política de Direitos Humanos. No jogo de luzes e sombras entre a memória e o esquecimento é de extrema importância saber preservar essas memórias, estudá-las e dar-lhes notoriedade. Os projetos *TRANSMAT*, *Memória para Todos e Memórias de Lisboa* são bons exemplos. Assim como a construção, em Mafra, de instalações para o fantástico Arquivo Nacional do Som.

Ao invés, Lisboa continua sem um novo Arquivo Municipal. O existente encontra-se espalhado há décadas pelo Bairro da Liberdade (edifício principal), pela Rua da Palma (arquivo fotográfico) e por Alcântara (videoteca), em condições que prejudicam quem lá trabalha, dificulta a investigação e não dignifica a capital do país.

Urge, assim, um novo espaço identificado como "arquivo", mas que seja, na verdade, um lugar multifuncional e aglutinador para o amanhã. Um lugar de vida, de convívio e de partilha, um catalisador cultural proporcionando uma relação dinâmica entre os lisboetas e o seu arquivo. Agora que o presidente da Câmara tem, e bem, o pelouro da Cultura, parecem estar reunidas as condições, como nunca, para concretizar um projeto há muito prometido e sempre adiado.

Gestor Cultural



Opinião
Ibrahim Aybek

Mas quem é que lê *Os Lusíadas* na Turquia, afinal?

Sim, foi esta pergunta que fiz a mim mesmo quando estava a traduzir esta epopeia para turco, língua de um país muito distinto de Portugal, nem só pela distância, mas também pela cultura, religião, visão do mundo etc.… Disse por fim: ao menos leio para mim mesmo. Era essa a minha motivação para desafiar-me a fazer este trabalho.

Hoje, nos 500 anos de nascimento do criador desta obra, já fez três anos desde a sua publicação inédita em turco. Houve interesse? Não posso admitir que criou uma onda gigante de interessados. Mas também seria injusto dizer que não criou entusiasmo em camadas literárias. Tornei-me uma pessoa semiconhecida entre setores intelectuais e literários na Turquia, e, sobretudo no mundo da poesia, ganhei amizades muito valiosas da sociedade culta turca, como o poeta Adnan Özer (era amigo de José Saramago), ou o tradutor Ayçin Kantoglu (tradutor da *Divina Comédia*).

E, quando recebi novas propostas de tradução e edição, sempre ouvi elogios sobre a minha tradução de *Os Lusíadas*, e até fiquei surpreendido por esta ter chamado a atenção ao nível mais rico cultural da Turquia. Posso garantir que na Turquia, se alguém se descreve como apaixonado de poesia medieval europeia, obviamente já leu *Os Lusíadas* em turco, sem exceção.

> "Posso garantir que na Turquia, se alguém se descreve como apaixonado de poesia medieval europeia, obviamente já leu *Os Lusíadas* em turco, sem exceção."

Algum efeito mais em concreto?

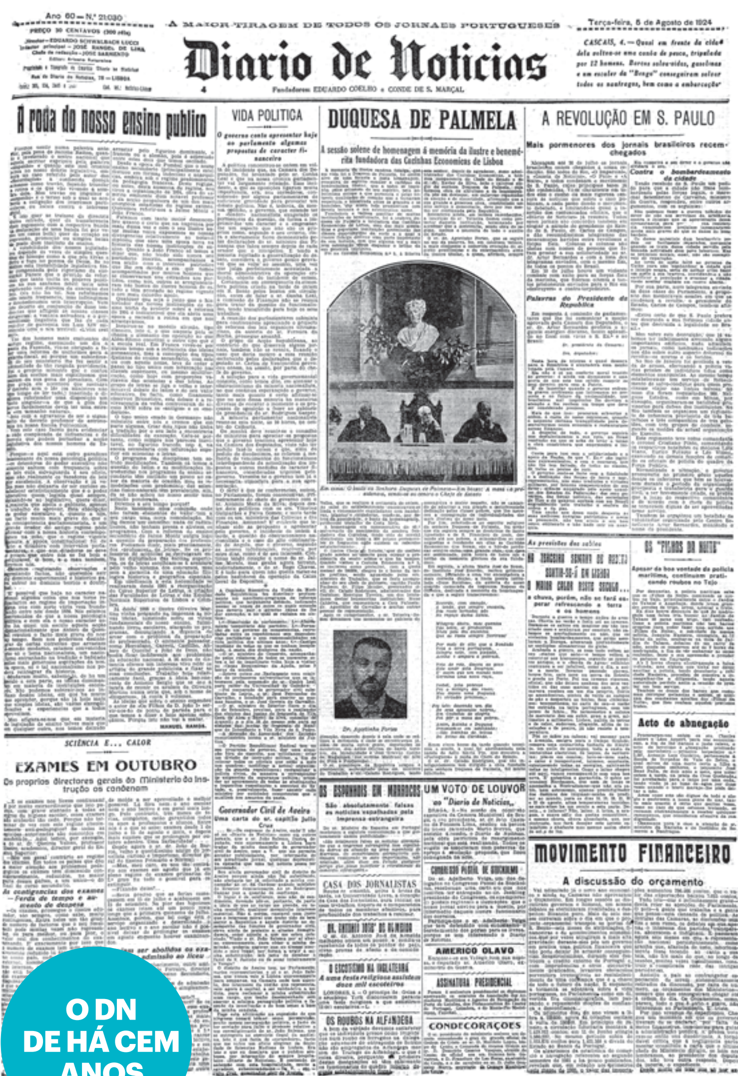
Quando se fala de Portugal na Turquia, pela tamanha desinformação social que o mundo hoje em dia encara, não vem à cabeça mais palavras que não sejam: exploração, escravatura, colonialismo num aspeto destruidor e selvagem, ou Cruzadas. Mas acho que este livro deu lugar em língua turca, no mundo do pensamento em turco, a uma nova abordagem sobre a História dos Descobrimentos e a História de Portugal.

Hoje em dia todos sabemos que o colonialismo teve consequências muito más em relação aos Direitos Humanos em África, ninguém nega isso. Mas, em si, o colonialismo já existia antes de os portugueses chegarem à Índia ou ao sudeste da Ásia, através de comerciantes que falavam árabe, fossem eles árabes, persas ou turcos, em formas mais pacíficas, e contribuiu muito para estas terras se desenvolverem também, seja na área de comércio, também nas áreas de integração global e desenvolvimento agrícola. Descobrimentos geográficos ofereceram ao mundo uma visão muito diferente, que antigamente nunca existiu. Acho que precisamos de mais traduções da época em turco para expandir esta visão na Turquia.

E agora? Mais desafios?

O meu caráter sempre me ensinou a esforçar-me por coisas nunca ousadas, tal como os navegadores portugueses. Iniciei a tradução de *Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto, e completei já 30%. Procurei financiamento e não encontrei, e por falta de recursos tive de parar, mas criei um negócio para poder financiar-me a mim mesmo de modo a poder um dia completar também a tradução desta obra. Esperem, talvez saia num dia mais próximo do que se espera!

Tradutor turco a viver em Portugal, autor da tradução de Os Lusíadas



Diario de Noticias

A MAIOR TIRAGEM DE TODOS OS JORNAIS PORTUGUESES

A roda do nosso ensino publico

VIDA POLITICA

DUQUESA DE PALMELA

A REVOLUÇÃO EM S. PAULO

EXAMES EM OUTUBRO

MOVIMENTO FINANCEIRO

O DN DE HÁ CEM ANOS

AS NOTÍCIAS DE 5 DE AGOSTO DE 1924 PARA LER HOJE

ARQUIVO DN **CRISTINA CAVACO**, **LUÍS MATIAS** E **SARA GUERRA**

A REVOLUÇÃO EM S. PAULO

Mais pormenores dos jornais brasileiros recem-chegados

Alcançam até 16 de julho os jornais brasileiros ontem chegados á nossa redacção. São todos do Rio, «O Imparcial», a «Gazeta de Noticias», «O País» e «A Noite», e todos condenam o movimento de S. Paulo, cujas principais fases já são conhecidas. Vê-se claramente em todos eles o cunho da mais rigorosa censura ás noticias que sobre o caso publicam, a cada passo dando o movimento debelado, e limitando-se quasi á inserção dos comunicados oficiais, que o «Diario de Noticias» já resumiu. Todos esses jornais são concordes tambem em elogiar a atitude do presidente do Estado de S. Paulo, dr. Carlos de Campos, e dão resumidissimos telegramas das escaramuças havidas entre revoltosos e forças fieis. Colunas e colunas são cheias com nomes de pessoas que foram prestar a sua solidariedade ao sr. dr. Artur Bernardes e com a lista dos telegramas enviados, com o mesmo fim, de todos os pontos do Brasil.

Em 10 de julho houve um violento combate com exito para as forças fieis da marinha, que fizeram oitenta e tantos prisioneiros enviados para o Rio em «destroyers» e contra-torpedeiros.

Palavras do Presidente da Republica

Em resposta á comissão de parlamentares que lhe foi comunicar a moção aprovada pela Camara dos Deputados, o sr. dr. Artur Bernardes proferiu o seguinte energico discurso, muito aplaudido no final com vivas a S. Ex.ª e ao Brasil:

Sr. presidente da Camara:

Srs. deputados:

Nesta hora de tristeza e quasi desonra para a Republica é alentadora essa moção votada pela Camara.

Ela não é só um conforto moral trazido ao governo: é ainda um documento e uma prova de que este tem sabido cumprir os seus deveres para com a Patria.

E' de lamentar quando o governo enfrenta graves problemas que interessam ao presente e ao futuro da nacionalidade, que brasileiros mal inspirados lhe desviem a atenção e lhe roubem um tempo que deve ser considerado precioso.

Mais do que isso: procuram subverter a ordem, á custa do nosso retrocesso, quando o momento reclama tranquilidade para desenvolvermos nossa economia e restaurarmos nossas finanças.

A despeito de tudo, o governo seguirá sem desfalecimentos a sua rota, na firme resolução em que se acha de levar a termo a obra construtora que empreendeu e iniciou.

Conta para isso com a solidariedade e o apoio da Nação, de que V. Ex.as são legitimos representantes, e com o concurso, que não lhe tem faltado, de todas as classes, de todos os pontos do país.

O governo sente-se forte com a fidelidade e a dedicação das forças de terra e mar, representadas, nas suas tradições e virtudes militares, por homens compenetrados do seu dever; acha-se amparado pelo apoio unanime dos Estados da Federação: dos seus governos, das forças policiais, das sociedades de Tiro e de quantos sonham com um Brasil engrandecido pelo trabalho á sombra da ordem e da paz.

Uma nação que desse modo desperta as suas melhores energias patrioticas e assim se pronuncia, não tem ainda o seu bom senso obliterado e não hade cair na anarquia.

Ela cumprirá o seu dever e o governo não olvidará o seu.

Contra o bombardeamento da cidade

Tendo recebido de S. Paulo um pedido para que a cidade não fôsse bombardeada pelas forças legais, o marechal Setembrino de Carvalho, ministro da Guerra, respondeu, entre outros argumentos, com os seguintes:

Não podemos fazer a guerra tolhidos do dever de não nos servirmos da artelharia contra o inimigo que se aproveitaria dessa circunstancia para pr[illegible] sua resistencia causando-nos prejuizos incomparavelmente mais graves do que os danos do bombardeio.

Os danos materiais dum bombardeio podem ser facilmente reparados, mormente quando se trata duma cidade servida pela fecunda actividade dum povo laborioso. Mas os prejuizos morais, esses, não são susceptiveis de reparação.

Ao invés do apêlo feito ao governo da União para não bombardear a cidade que o inimigo ocupa, seria de melhor aviso fazer um apêlo á sua bravura, convidando-o a não sacrificar a população e evacuar a cidade, vindo aceitar combate em campo aberto.

Por sua parte, num telegrama enviado ás duas casas do Parlamento, a proposito das memoraveis sessões em que se condenou a revolta, o presidente do Estado, Carlos de Campos, tambem afirmou:

«Estou certo de que S. Paulo prefere ver destruida a sua formosa cidade antes que destruida a legalidade no Brasil.»

Mas sobre esta destruição, que já sabemos ter infelizmente arrazado alguns importantes edificios, nada adiantam os jornais, como nenhumas indicações nos dão sobre outro aspecto doloroso da revolta—os mortos e os feridos.

No Rio de Janeiro foi proibida a venda de armas, efectuando a policia varias prisões de individuos tidos como elementos anarquistas. Ao mesmo tempo estabeleceu-se um serviço de fornecimento de salvo-condutos para quem precisasse viajar nas linhas ferreas. Só num dia foram requisitados 900. Nalguns Estados, como em Minas, por exemplo, organizaram-se batalhões provisorios para defesa das instituições. No Rio tambem se organizou um regimento de infantaria provisorio de três batalhões e três companhias de três pelotões, com três grupos de combate, segundo os moldes da actual organização do Exercito.

Este regimento teve como comandante o coronel Cristiano Pinto, comandando os respectivos batalhões os majores Luís Viana, Eurico Peixoto e Léo Vidási, exercendo as demais funções de comando os oficiais de policia do quadro da Força Publica.

Normalizada a situação, o governo promoveria ao primeiro pôsto aqueles dentre os inferiores que bem se houvessem durante o periodo da organização provisoria e transferiria para a guarda civil, a ser brevemente criada, as praças que a juizo do respectivo comandante e de acordo com o chefe de policia se tornassem dignas de ser aproveitadas nesse serviço.

Tambem se organizou um batalhão de voluntarios organizado pelo Centro Beneficente Artur Bernardes, mantendo o nome do presidente.

DUQUESA DE PALMELA

A sessão solene de homenagem á memória da ilustre e benemérita fundadora das Cozinhas Economicas de Lisboa

A memoria da ilustre saudosa fidalga, que em vida foi a Duquesa de Palmela, foi ontem alvo de uma tocante e justa homenagem, evocativa do espirito esmoler e caridoso da bondosissima titular, que a todos se impunha pelos primores do seu espirito, pela nobolissima estirpe a que pertencia e pelas notaveis qualidades de coração que a tornaram respeitada e idolatrada entre os grandes e os humildes, que ainda hoje pronunciam com devota ternura o seu aristocratico nome.

Fundadora e valiosa auxiliar de muitas instituições de beneficencia, foi a senhora duquesa de Palmela a iniciadora das Cosinhas Economicas de Lisboa, uma das mais simpaticas e populares instituições protectoras das classes desprotegidas da sorte e á qual a ilustre fidalga dedicou uma parte importante da sua fortuna, sem que alguma vez a mais leve ostentação viesse empanar o brilho da sua generosa iniciativa.

Foi na Cozinha Economica n.º 5, á Ribeira Velha, que se realizou a cerimonia de ontem. As salas do estabelecimento encontravam-se linda e vistosamente engaladanas com bandeiras, plantas e colgaduras, vendo-se, por detrás da presidencia, o busto da homenageada, primoroso trabalho de Costa Mota.

A homenagem era comemorativa do 83.º aniversario do nascimento da saudosa fundadora das Cozinhas, tendo sido de manhã distribuido um bôdo a 800 pobres pertencentes ás freguesias onde existem os referidos estabelecimentos.

O ilustre Chefe do Estado, que do melhor grado acedeu ao convite para ocupar a presidencia da sessão solene e que ha tempos, quando visitou a Cozinha Economica n.º 5, se inscreveu como protector, com a quota mensal de 500$00, chegou ás 4 horas da tarde prefixas, sendo aguardado pelos srs. ministro do Trabalho, que se fazia acompanhar do seu chefe de gabinete, capitão Paula Pacheco; dr. Filipe Mendes, governador civil; dr. Calado Rodrigues, administrador das Cozinhas; Henrique Taveira, um dos iniciadores destas beneméritas instituições; Nuno Caldeira, que representava a Casa Palmela; dr. Agostinho de Carvalho e muitas outras pessoas de representação.

Após os cumprimentos, o sr. Teixeira Gomes descansou uns momentos no gabinete da direcção, descendo depois á sala onde se realizou a cerimonia e onde se encontravam já, além de muita outra gente, deputações de escoteiros, dos Asilos Oficina de Santo Antonio, da Mendicidade e José Estevão Coelho de Magalhães, das escolas Maternal do Alto do Pina e Profissional.

O sr. presidente da Republica ocupou a presidencia, secretariado pelos srs. ministro do Trabalho e dr. Calado Rodrigues, tendo este senhor, depois de agradecer, como administrador das Cozinhas Economicas, a honrosa comparencia do Chefe do Estado e do sr. dr. Xavier da Silva, feito o caloroso elogio da senhora Duquesa de Palmela, cuja formosa obra de altruismo e de benemerencia pôs em destaque, em palavras repassadas de emoção e de sinceridade, afirmando que a sua grande e generosa obra, constituindo um alto serviço á democracia, deve por isso mesmo ser continuada pela Republica.

Relembrou ainda, em termos reconhecidos, a inscrição do sr. Teixeira Gomes como protector daquela instituição, terminando por acentuar que a Assistencia, sendo obra do regime, merece e necessita de todo o auxilio do Estado.

O sr. dr. Agostinho Fortes, que se seguiu no uso da palavra, fez, em calorosos termos, a mais eloquente e comovida evocação do espirito gentilissimo e da enternecedora alma da ilustre titular, a quem, afirmou, sempre consagrára o maior respeito, não se cançando de admirar a sua grande e desinteressada dedicação pelas classes pobres, que lhe mereceu a consagração de individualidades das mais ilustres do nosso meio.



Em cima: O busto da Senhora Duqueza de Palmela—Em baixo: A mesa da presidencia, vendo-se ao centro o Chefe de Estado



Dr. Agostinho Fortes

Por fim, referindo-se ao espirito religioso da senhora Duquesa de Palmela, fez notar que ela seguira sempre as doutrinas de Santo Agostinho e de S. Francisco de Assis, descendo até aos pobres, a minorar-lhes as suas angustias e fundando em dias as Cozinhas Economicas que foram, são e hão-de perdurar sempre como uma grande obra, que deve ser continuada, para honra de todos nós e brilho da memoria gloriosa da sua fundadora.

Em seguida, a aluna Maria José de Sousa, do Instituto José Estevão, recitou primorosamente, juntando a uma voz encantadora a mais correcta dicção, a linda poesia intitulada «Duas Rainhas», da autoria do nosso querido camarada da imprensa Raposo de Oliveira, dedicada á memoria da homenageada e que a seguir transcrevemos:

Recordo, com emoção,
A lenda, que sempre encanta,
Das rosas tornadas pão
No regaço duma Santa.

Milagres dêstes, mas quantos
Tão belos, se produziram
Neste país dos encantos
Que as rosas sempre floriram!

Por mais de alto que a Bondade
Veja a terra portuguesa,
Sempre nela, com piedade,
Acolhe e ampara a pobreza.

Veio de reis, desceu ao povo
Este amôr pela Desgraça.
E' assim que um mundo novo
Germina uma nova raça.

Isabel, pela pobreza
Fez o milagre das rosas;
Mas depois uma Duquesa
D3 virtudes preciosas,

Fez isto: descendo um dia
De seus aposentos nobres,
Em Cozinhas de alegria
Foi pôr a mesa dos pobres.

Assim, Rainha e Duquesa
Irmanam-se em santidade:
—São Rainhas de beleza
Do Reino da Caridade.

Eram cinco horas da tarde quando terminou a sessão, a qual foi abrilhantada pela banda do Asilo Maria Pia, que executou a «Portuguesa» á saída do Chefe do Estado.

O sr. dr. Calado Rodrigues, que tão inteligentemente tem dirigido a obra fundada pela senhora Duquesa de Palmela, foi muito felicitado.

Governo desaconselha “em absoluto” viagens ao Irão

MÉDIO ORIENTE MNE português recomenda ainda aos que estão no Irão que “se ausentem do país até que a situação regresse a um clima de menor risco”.

O Ministério dos Negócios Estrangeiros desaconselha “em absoluto” todas as viagens para o Irão, devido ao contexto interno do país e à crescente tensão regional e perigo de segurança. “Considerando o contexto interno em que o país se encontra e a crescente tensão regional e perigo securitário, desaconselham-se em absoluto todas e quaisquer viagens ao Irão”, lia-se num aviso publicado ontem no Portal das Comunidades Portuguesas.

O Ministério dos Negócios Estrangeiros recomenda ainda aos portugueses que se encontram no Irão que, “em podendo, se ausentem do país até que situação regresse a um clima de menor risco”. “Os cidadãos portugueses que se encontrem no país deverão abster-se imperiosamente de participar em qualquer tipo de manifestação ou ajuntamento e afastar-se de ruas e zonas em que decorram”, alerta o Governo, desaconselhando também “em absoluto aos cidadãos portugueses que se encontrem no país qualquer viagem à Província do Sistão-Baluquistão, assim como deslocações junto às fronteiras do Afeganistão e do Iraque”.

Também devem ser evitadas as regiões que fazem fronteira com a Arménia e o Azerbaijão, em particular junto ao território do Nagorno-Karabakh.

O ministério lembra que, nestas situações, existe sempre possibilidade de encerramento do espaço aéreo do Irão ou cancelamentos de voos por parte de muitas companhias e que as comunicações para fora do país se encontram restringidas e as redes sociais bloqueadas. É também desaconselhado o registo fotográfico ou de outro tipo, em particular em qualquer zona evidentemente não-turística.

Este aumento súbito das tensões entre Israel, o Irão e os seus aliados regionais (*ver mais noticiário na pág. 21*) segue-se ao assassínio reivindicado por Israel do chefe militar do Hezbollah, Fouad Chokr, e à morte em Teerão do líder político do Hamas, Ismaïl Haniyeh, num ataque atribuído a Israel.

Vários países, entre os quais França, Estados Unidos e Reino Unido, pediram aos seus cidadãos que abandonassem o Líbano neste fim de semana, por receio de um agravamento do conflito entre Israel e o Hezbollah.

O Hezbollah apoia o Hamas palestiniano, que tem a sua base em Gaza e está em guerra com Israel desde o seu ataque sem precedentes contra o Estado judeu, em 07 de outubro.

DN/LUSA

Vulcão Etna voltou a entrar em erupção

O vulcão Etna, na Sicília, entrou ontem em erupção, provocando fontes de lava e uma nuvem vulcânica com uma consequente chuva de cinzas de lava e fragmentos piroclásticos na direção leste-sudeste. Acireale e Zafferana são as zonas mais afetadas, onde foi detetada uma espessa camada de cinzas. A entrada em erupção do Etna afetou o Aeroporto de Catânia, que está só pacialmente operacional. A unidade de crise do Aeroporto de Catânia Fontanarossa ordenou o encerramento do sector B1 e a redução das chegadas para seis voos por hora.



GIUSEPPE DISTEFANO / ETNA WALK / AFP

BREVES

Morreu o jornalista João Paulo Guerra, aos 82 anos



O jornalista João Paulo Guerra morreu ontem em Lisboa, aos 82 anos. O também radialista e escritor encontrava-se no Hospital Curry Cabral, vítima de doença prolongada, confirmou à Lusa fonte próxima do jornalista, lembrando o último cargo que exerceu: Provedor do Ouvinte do serviço público de rádio. João Paulo Guerra começou a carreira na rádio (TSF e Antena 1), mas foi também jornalista na imprensa, trabalhou para televisão e escreveu uma dezena de livros. O jornalista trabalhou no *Diário de Lisboa*, n’*A Capital*, no *Público*, n’*O Jornal*, e no *Expresso*, entre outras colaborações. Destacou-se a escrever sobre a Guerra Colonial e a descolonização, tendo dado ao prelo o livro *Savimbi – Vida e Morte*, publicado pela Bertrand. Foi guionista para a SIC, para a Endemol e escreveu o guião do documentário *Angola – 40 anos de Guerra*. Em 2010, recebeu o Prémio Gazeta de Mérito por um percurso de quase meio século na rádio, na televisão e na imprensa.
João Paulo Guerra era irmão da atriz e encenadora Maria do Céu Guerra.

Harris com um ponto de vantagem face a Trump

A vice-presidente dos EUA e candidata democrata, Kamala Harris, tem vantagem de um ponto a nível nacional sobre o candidato republicano, Donald Trump, de acordo com uma sondagem da CBS News e da YouGov divulgada ontem. Segundo o estudo, Harris recebe 50% de apoio entre os inquiridos e Trump 49%, um resultado dentro da margem de erro (de mais ou menos 2,1 pontos). Nos Estados-chave para estas eleições – Arizona, Georgia, Michigan, Nevada, Carolina do Norte, Pensilvânia e Wisconsin – os dois candidatos surgem empatados. A equipa de Trump já reagiu a esta sondagem, dizendo que os resultados estão manipulados, mesmo sem provas para a alegação. A sondagem revela que um número elevado de eleitores democratas e negros disseram que “definitivamente irão votar”, mostrando que a provável candidata democrata mobiliza o partido, mais do que a candidatura desistente de Joe Biden.





Conselho de Administração - Marco Galinha (Presidente), Kevin King Lun Ho, António Mendes Ferreira, Victor Santos Menezes, Vitor Coutinho, Diogo Queiroz de Andrade, Rui Costa Rodrigues, José Pedro Soeiro **Direção interina** Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos) **Data Protection Officer** António Santos **Propriedade** Global Notícias Media Group, SA; Matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Almada. Capital social: 9 309 016,95 euros. NIPC: 502535369. Proprietário e editor: Rua Gonçalo Cristóvão,195-219 – 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100. Fax: 222 096 200 Redação: Rua Tomás da Fonseca, Torre E, 3.º – 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 501 **Marketing e Comunicação** Carla Ascenção **Direção Comercial** Pedro Veiga Fernandes **Detentores de 5% ou mais do capital da empresa:** Páginas Civilizadas, Lda. – 41,51%, KNJ Global Holdings Limited – 29,35%, José Pedro Carvalho Reis Soeiro – 20,40%, Grandes Notícias, Lda. – 8,74% **Impressão** Gráfica Funchalense (Rua da Capela da Nossa Senhora da Conceição, 50, Morelena – 2715-029 Pero Pinheiro); Naveprinter (EN, 14 (km 7,05) – Lugar da Pinta, 4471-909 Maia) **Distribuição** VASP; Registado na ERC com o n.º 101326. **Depósito legal** 121 052/98 **Assinaturas** 219249999 Dias uteis das 8h às 18h E.mail: apoiocliente@dn.pt





56718

5 605290 023002